

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Leonardo Miglioranza Castagna

**ANÁLISE METATEÓRICA DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA A PARTIR DE
LAKATOS E LAUDAN**

Santa Maria, RS
2019

Leonardo Miglioranza Castagna

**ANÁLISE METATEÓRICA DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA A PARTIR DE
LAKATOS E LAUDAN**

Trabalho Final de Graduação, apresentado ao
Curso de Relações Internacionais, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS) como requisito parcial para obtenção do grau
de **Bacharel em Relações Internacionais**.

Orientador: Prof. Dr. Igor Castellano da Silva

Santa Maria, RS
2019

Leonardo Miglioranza Castagna

**ANÁLISE METATEÓRICA DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA A PARTIR DE
LAKATOS E LAUDAN**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Relações Internacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Relações Internacionais**.

Aprovado em 04 de dezembro de 2019:

Igor Castellano da Silva, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Arthur Coelho Dornelles Júnior, Dr. (UFSM)

Carlos Schmidt Arturi, Dr. (UFRGS/UFSM)

Santa Maria, RS
2019

DEDICATÓRIA

Em memória de minha nona, Sueli Castagna, uma verdadeira batalhadora que infelizmente não realizou o sonho de ver-me cursando o ensino superior, mas que me inspira todos os dias para seguir adiante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à República Federativa do Brasil por proporcionar, a mim e a tantos brasileiros e brasileiras, a oportunidade de estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), agradeço pelo acolhimento e pelos espaços proporcionados para a produção do conhecimento. Agradeço, ainda, a programas como o Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIPE/UFSM) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) por terem me possibilitado a oportunidade de ser bolsista de iniciação científica e por financiarem projetos tão importantes para a ciência brasileira. Essas experiências incentivaram de maneira fundamental meus interesses acadêmicos.

Agradeço com todo carinho a orientação do professor Igor Castellano da Silva ao longo de toda a minha trajetória. Qualquer possível contribuição deste trabalho é consequência direta de sua orientação. Agradeço ao professor Igor pela atenção e pela paciência nos momentos difíceis, suas lições e ensinamentos foram cruciais para meu crescimento pessoal e acadêmico e jamais serão esquecidas. Seu comprometimento com a ética e com o profissionalismo são exemplos que seguirei pelo resto da vida. Por fim, agradeço ao professor Igor pelas oportunidades proporcionadas nas esferas de pesquisa e extensão. Especificamente, refiro-me à luta pelo desenvolvimento do projeto do Grupo de Estudos em Capacidade Estatal, Segurança e Defesa (GECAP), cujo espaço foi e é fundamental para muitos estudantes e pesquisadores como eu.

Ainda no âmbito do GECAP, não poderia deixar de agradecer a todos os colegas, professores e pesquisadores, pelos debates e aprendizados produzidos. Em especial, agradeço ao professor Júlio César Cossio Rodriguez que, além de fonte de inspiração profissional e exemplo intelectual, mostrou-se sempre disponível a aconselhar-me em momentos de dificuldade e incerteza. Sou muito grato.

Aos demais professores do curso de graduação, também registro meu agradecimento. De forma especial, agradeço aos mestres e amigos José Renato Ferraz da Silveira, que abriu as primeiras portas e cujos incentivos desde o princípio me motivaram a lutar, e Junior Ivan Bourscheid, de quem tive a sorte de ser aluno.

Aos amigos que partilharam essa trajetória santamariense comigo, agradeço por tornarem a vida mais leve e menos desgastante. Em especial a Julio Werle Berwaldt, Yuri Bravo Coutinho, Diogo Henrique Gerhardt, Bruno Moresco, Felipe Luís Ciszak, Vilarte Fernandes Júnior, Samuel Francisco da Silveira Brum e Thiago Felipe Wachholz. Agradeço,

ainda, ao amigo Augusto César Dall’Agnol, pela parceria com a qual aprendi imensamente e por compartilhar inquietações. Partes importantes de minha construção pessoal e acadêmica passaram pelas contribuições de vocês.

Por fim, e mais importante, agradeço à minha família, cujo esforço diário me possibilitou a oportunidade de todos esses agradecimentos. Especialmente refiro-me aos meus pais, Valcir e Rossane, que me incentivaram em todos os momentos, e ao meu irmão, Bernardo, por inspirar-me com sua alegria. Serei eternamente grato por tudo que fizeram e deixaram de fazer em prol da minha educação. À minha companheira, Brenda Gomes, deixo meus mais sinceros e amorosos agradecimentos pelo apoio irrestrito e imensurável nas horas de maior angústia e por dividir comigo todos os percalços da estrada da vida.

RESUMO

ANÁLISE METATEÓRICA DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA A PARTIR DE LAKATOS E LAUDAN

AUTOR: Leonardo Miglioranza Castagna

ORIENTADOR: Igor Castellano da Silva

Os debates metateóricos nas Relações Internacionais têm sido marcados por duas dificuldades principais: i) há falta de clareza quanto à aplicação de metateorias para avaliação teórica e ii) os trabalhos que utilizam metateoria de forma clara e explícita tendem a fazê-lo de maneira rígida, sem discussão sobre a possibilidade e os ganhos de uma aplicação comparativa e/ou complementar entre diferentes visões. Como consequência, diversas teorias tendem a ser negligenciadas e esquecidas em avaliações metateóricas sobre o progresso da disciplina, por não se encaixarem nos critérios estabelecidos por determinada visão. Esse parece ser particularmente o caso da Sociologia Histórica, corrente teórica que vem recebendo crescente atenção acerca de sua contribuição à disciplina. Tendo isso em vista, este artigo busca analisar a estrutura e o desenvolvimento do conjunto teórico da Sociologia Histórica, buscando identificar suas principais características metateóricas, a partir das dimensões de origem, consolidação e evolução teórica, sendo que a evolução é analisada com foco específico na corrente/tese belicista. Para tanto, foram utilizadas as visões metateóricas propostas por Imre Lakatos (1970a) e Larry Laudan (1977). A hipótese adotada é que o conjunto teórico da Sociologia Histórica se desenvolveu de forma híbrida com relação às visões de Lakatos e Laudan. No artigo, foram propostos três caminhos possíveis para o hibridismo metateórico: inter-composição, intra-composição e inter-intra-composição. Esses caminhos estão ligados às dimensões de origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos e permite avalia-los de forma menos rígida, favorecendo o diálogo entre metateorias e o ecletismo teórico. Ademais, a pesquisa justifica-se por produzir um esclarecimento sobre a formação e a construção da Sociologia Histórica, identificando os caminhos teóricos e temáticos de pesquisa e as principais contribuições de sua utilização nas Relações Internacionais. O estudo utiliza-se do método de abordagem hipotético-dedutivo e faz uso da técnica de pesquisa de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Metateoria; Lakatos; Laudan; Sociologia História.

ABSTRACT

METATHEORETICAL ANALYSIS OF HISTORICAL SOCIOLOGY USING LAKATOS AND LAUDAN

AUTHOR: Leonardo Miglioranza Castagna

ADVISOR: Igor Castellano da Silva

Metatheoretical debates in International Relations have been marked by two main difficulties: (i) there is a lack of clarity about the application of metatheories and; (ii) studies that use metatheory clearly and explicitly tend to do so rigidly, without discussing the possibility and gains of comparative and / or complementary application between different views. As a result, several theories tend to be overlooked in metatheoretical assessments of the discipline's progress because they do not 'fit' the criteria set by a given view. This seems to be particularly the case with Historical Sociology, theory that has been receiving increasing attention about its contribution to the discipline. With this in mind, this article aims to analyze the structure and development of the theoretical set of Historical Sociology, seeking to identify the main metatheoretical characteristics from the dimensions of origin, consolidation and theoretical evolution. In order to do that, it uses the metatheoretical views proposed by Imre Lakatos (1970a) and Larry Laudan (1977). The hypothesis adopted is that the theoretical set of Historical Sociology developed in a hybrid way in relation to the views of Lakatos and Laudan. In the article, three possible ways for metathetical hybridism were proposed: inter-composition, intra-composition and inter-intra-composition. These paths are linked to the dimensions of origin, consolidation and evolution of theoretical sets and allow them to be evaluated less rigidly, favoring the dialogue between metatheories and theoretical eclecticism. Moreover, the research is justified by producing an explanation about the formation and construction of Historical Sociology, identifying the theoretical and thematic research paths and the main contributions of its use in International Relations. The study uses the hypothetical-deductive approach method and the literature review research technique.

Key-words: Metatheory; Lakatos; Laudan; Historical Sociology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Principais campos do conhecimento que formam a Sociologia Histórica	32
Figura 2.	Trabalhos publicados por ano no escopo da Tese Belicista	41
Figura 3.	Objetivo do progresso teórico na Tese Belicista	43
Figura 4.	Objetos de análise principais	44
Figura 5.	Principais focos e variáveis explicativas	45
Figura 6.	Principais esferas do Estado	46
Figura 7.	Tipo de relação desenvolvida com a tese original	47

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1. Comparação entre as visões de Popper, Kuhn, Lakatos e Laudan.....	15
Quadro 2. Comparação entre as visões de Lakatos e Laudan sobre origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos	26
Quadro 3. Possibilidades de hibridismo a partir da composição das visões de Lakatos e Laudan sobre origem, consolidação e evolução	29
Quadro 4. Visão metateórica da origem da Sociologia Histórica	33
Quadro 5. Visão metateórica da consolidação da Sociologia Histórica.....	40
Quadro 6. Visão metateórica da evolução da Sociologia Histórica	48
Quadro 7. Resultado da análise metateórica da Sociologia Histórica.....	50

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	12
2 ANÁLISE METATEÓRICA DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA A PARTIR DE LAKATOS E LAUDAN.....	18
2.1 INTRODUÇÃO.....	19
2.2 METATEORIA E OS CONJUNTOS TEÓRICOS: ABORDAGEM HÍBRIDA DE LAKATOS E LAUDAN	21
2.3 ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DO CONJUNTO TEÓRICO DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA.....	30
2.4 EVOLUÇÃO DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA E A TESE BELICISTA	40
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
3 CONCLUSÃO: POTENCIAIS, LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS PARA UMA AGENDA DE PESQUISA	51
REFERÊNCIAS	54

1 APRESENTAÇÃO

Science is built up of facts, as a house is with stones. But a collection of facts is no more a science than a heap of stones is a house. (Henri Poincaré, 1902)

Esta monografia, produzida em formato de artigo científico, se insere no debate acerca da avaliação de construções teóricas nas Ciências Sociais e nas Relações Internacionais (RI). Isto é, refere-se à problemática de como compreender e analisar teorias científicas.

Objetivando compreender a relevância deste debate e introduzir os principais caminhos percorridos por ele, quatro perguntas guiam essa seção introdutória: Por que devemos nos preocupar com epistemologia e metateoria? Como devemos olhar para as teorias científicas e os conjuntos teóricos? Como têm se desenvolvido os estudos metateóricos nas Ciências Sociais e, especificamente, nas Relações Internacionais? E como tem sido visto o conjunto teórico da Sociologia Histórica nas RI? As respostas para essas questões envolvem reflexões sobre a filosofia da ciência e darão um panorama dos principais temas deste trabalho e das lacunas encontradas. Essas questões fundamentam a justificativa e os objetivos do trabalho e, desde já, cabe destacar que as respostas jamais serão únicas ou definitivas, e que qualquer mínima contribuição que este trabalho possa produzir decorre justamente da clareza acerca da complexidade do tema e da consciência das escolhas envolvidas em todo esforço científico.

Toda disciplina deve preocupar-se constantemente com a forma como está sendo produzido o conhecimento em seu domínio. Não existe conhecimento teórico-científico produzido de forma automática e inercial, isto é, de forma totalmente desvinculada de considerações epistemológicas sobre modos de produção de conhecimento válido. O que pode acontecer, e é o mais comum, é que essas considerações não sejam tratadas explicitamente. Conceitualmente, a epistemologia, “também chamada teoria do conhecimento, é o ramo da filosofia interessado na investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento” (GRAYLING, 1996, p. 37). Por mais abstrata que essa definição possa ser, ela demonstra a ligação intrínseca entre epistemologia e teoria. Ao passo que o conhecimento é construído essencialmente a partir das teorias, a epistemologia se preocupa com os processos e resultados dessa construção.

As metateorias, associadamente, são vistas como as ferramentas da epistemologia, e são definidas amplamente como “teorias das teorias” (BUNGE, 1998; RITZER, 2007). Freire (2013, p. 273) resume a visão de metateorias utilizada nesta pesquisa que, por serem teorias em si, podem tornar-se os próprios objetos de investigação.

metatheory is a specific kind of theory, namely one that primarily focuses on theories. I should note, moreover, that metatheory, being a kind of theory, is also an object in itself. That is, because metatheory is a ‘theory of theory’, and because it is a kind of theory, it follows that it can eventually be employed in the theoretical study of metatheories. This is an important implication because, even before we open up the concept of ‘metatheory’, it denotes one crucial role played by metatheory: that of theorizing about metatheory. (FREIRE, 2013, p. 273)

É exatamente neste debate que a pesquisa se insere. Relaciona-se às duas principais funções exercidas pelas metateorias: por um lado, de avaliação da progressividade das teorias científicas nos diversos campos de conhecimento e, por outro, como um sentido normativo a ser seguido na construção e no desenvolvimento de tais teorias.

Portanto, desconsiderar preocupações epistemológicas e metateóricas na construção científica é deixar de problematizar os rumos da produção do conhecimento e de analisar criteriosamente o que já foi produzido. Conforme Bradley (1999, p. 316), rejeitar o debate metodológico e epistemológico é “abandonar o terreno à intuição e aos preconceitos de quem tem a autoridade para decidir sobre tais questões”.

Dito isto, cabe apresentar¹ as visões metateóricas mais relevantes² para esta pesquisa³, destacando seus pontos de aproximação e divergência. O primeiro, e talvez o maior, debate entre visões metateóricas foi entre Karl Popper e Thomas Kuhn. O debate entre esses dois autores é fundamental para se compreender as propostas posteriores de Imre Lakatos e Larry Laudan, que são trabalhadas prioritariamente nesta monografia.

A visão de Popper (1959, 1963), chamada de racionalismo crítico, se constituiu em “uma crítica ao *positivismo lógico* do Círculo de Viena, defendendo a concepção de

¹ A ordem de apresentação das visões não indica necessariamente uma evolução normativa. É a evolução cronológica dos principais trabalhos de cada um dos autores.

² Assim, não serão retomadas as origens do debate epistemológico sobre a origem da ciência e do conhecimento científico, a não ser de maneira implícita às visões dos autores. Mesmo que se reconheça e relevância desse debate, acredita-se que não caberia na amplitude do trabalho. O trabalho ficará restrito às principais visões metateóricas do século XX.

³ Isso não significa que elas sejam únicas ou melhores, pois a ideia é justamente promover o debate acerca do potencial e das limitações de cada uma delas.

que todo o conhecimento é falível e corrigível, virtualmente provisório” (SILVEIRA, 1996, p. 197). Popper criticou duramente a ideia indutiva de que o conhecimento era obtido a partir do acúmulo de observações. Para ele, uma teoria nunca pode ser completamente provada, elas são sempre baseadas em hipótese que são, por sua vez, “conjecturas, virtualmente provisórias, sujeitas a reformulações, a reconstruções” (SILVEIRA, 1996, p. 217). Em seu clássico exemplo, por maior que seja o número de cisnes brancos observados, não se pode concluir que *todos* são brancos. Sempre pode haver um cisne negro. A ciência, nesse sentido, deve ser baseada no falseacionismo, ou seja, as boas teorias são aquelas que sobrevivem a testes rigorosos de falseamento. Popper, então, tinha as disputas entre teorias ou hipóteses específicas como objetos de análise principal e foi um dos grandes precursores do que se tornaria o método hipotético-dedutivo, central também nas visões de Lakatos e Laudan.

Entre os tantos pontos de discordância, Thomas Kuhn (1962, 1979) criticava Popper em dois pontos fundamentais. Por um lado, desacreditava que o progresso da ciência fosse tão racional quanto Popper afirmava (baseada no teste de hipóteses e no descarte daquelas não corroboradas). Por outro, entendia que os objetos a serem analisados não deveriam ser as teorias específicas, mas sim os conjuntos teóricos (chamados por ele de paradigmas), algo que também é parte integrante das propostas posteriores de Lakatos e Laudan. Para Kuhn, a ciência organizava-se a partir de paradigmas, que eram incomensuráveis e, antes de tudo, ‘meios de olhar o mundo’ não necessariamente testáveis (LAUDAN, 2011, p. 103). Assim, existiriam elementos irracionais, políticos e ideacionais que permitiriam aos paradigmas perdurar ao longo do tempo. Acreditava, ainda, que “o espírito crítico, tão importante para a epistemologia popperiana, é de fato uma exceção e representa um estágio — extraordinário ou —revolucionário da ciência” (MENDES, 2013, p. 24). A fase denominada por ele como ‘normal’ “seria marcada pela adesão da comunidade científica a um determinado paradigma, com problemas e teorias próprios, que subsistiria mesmo diante de contra-evidências” (MENDES, 2013, p. 24).

Em meio a esse debate, surgem as propostas de Imre Lakatos (1970a) e Larry Laudan (1977), que são o principal foco desta pesquisa. As ideias de cada um deles serão exploradas com maior profundidade no artigo que segue, mas é importante destacar algumas características gerais que permitam posicioná-los no desenvolvimento do debate epistemológico e metateórico mais amplo, especialmente em comparação a

Popper e Kuhn⁴. Para tanto, serão apresentados em três categorias: unidades de análises, fontes do conhecimento e progressividade. Quanto às unidades de análise, tanto Lakatos quanto Laudan concordam com a visão kuhniana e discordam de Popper, entendendo que as principais unidades científicas são os conjuntos teóricos. Entretanto, diferentemente de Kuhn, para quem as “disciplinas são, e deviam ser, sempre dominadas por um único grande paradigma” (LAKATOS, 1970b, p. 177), as propostas de Lakatos e Laudan apontam para a existência simultânea de múltiplos conjuntos teóricos rivais. A nomenclatura, ademais, é diferente: Lakatos os chama de Programas de Pesquisa Científica e Laudan, de Tradições de Pesquisa.

Sobre as fontes do conhecimento, apesar de reconhecerem que a organização de conjuntos teóricos envolve a aceitação mais ou menos rígida de pressupostos não necessariamente testáveis, ambos (Lakatos e Laudan) veem a construção científica fundamentalmente a partir do teste e da disputa entre teorias e hipóteses.

Com relação à leitura sobre os aspectos de progressividade científica, as divergências são mais claras. Enquanto Popper via o progresso na capacidade das teorias de reconhecer a falseabilidade a priori, Kuhn relacionava a progressividade às revoluções na visão de mundo dominante na ciência. Para Lakatos, o progresso está fundado na capacidade preditiva das construções científicas e, para Laudan, é baseado na expansão da capacidade explicativa⁵.

Quadro 1. Comparação entre as visões de Popper, Kuhn, Lakatos e Laudan

Categoria	POPPER	KUHN	LAKATOS	LAUDAN
Unidades de análises	Teorias	Paradigmas	Programas de Pesquisa Científica	Tradições de Pesquisa
Fonte do conhecimento	Teste Hipóteses	Não-racional	Teste Hipóteses + organização de conjuntos teóricos	Teste Hipóteses + organização de conjuntos teóricos
Progressividade	Falseabilidade	Revoluções + Ciência Normal	Predições	Explicações

Fonte: Adaptado de Castellano da Silva, Mallmann e Vedovato (2019)

⁴ É possível dizer que, em muitos pontos, Lakatos e Laudan sintetizam as visões de Popper e Kuhn, pois carregam muitas influências do debate que ocorria.

⁵ Esses pontos serão explorados com maior profundidade no artigo.

Desde o seu surgimento como campo de estudo, as Relações Internacionais têm sido marcadas por importantes e intensos debates teóricos. Na verdade, a história dos grandes debates é a mais famosa como forma de entender o desenvolvimento da disciplina (JERVIS, 2003; KRATOCHWIL, 2006; LAKE, 2013; LAPID, 1989; WALT, 1998). Nesse sentido, a história da disciplina de Relações Internacionais possui uma ligação fundamental com debates epistemológicos acerca da compreensão do conhecimento científico e da produção e avaliação de teorias. Entretanto, apesar do elevado montante de trabalhos que discutem correntes teóricas ou que as aplicam empiricamente e da identificação de elementos epistemológicos nas discussões teóricas de RI, não é alta a profusão de discussões explicitamente metateóricas. Ou seja, ainda são limitados os esforços no sentido da definição e aplicação/utilização explícita de propostas metateóricas na disciplina. Segundo Elman e Elman, “existe uma forte tendência na área de se engajar em exercícios metateóricos sem metateoria; de avaliar agregados teóricos sem utilizar as ferramentas adequadas e necessárias”⁶ (ELMAN; ELMAN, 2003b, p. 4).

Por outro lado, mesmo que por vezes de forma implícita, diferentes formas de se construir e analisar teorias científicas têm interagido ao longo do desenvolvimento da disciplina, remetendo a distintas visões epistemológicas e metateóricas. Contextualizando a discussão epistemológica nas RI, propõe-se a caracterização de três períodos recentes em que se visualiza a influência de diferentes visões metateóricas nas reflexões teóricas da disciplina.

Primeiramente, o período entre as décadas de 1980 e 90 foi marcado por uma imagem paradigmática do debate teórico nas RI (ELMAN; ELMAN, 2003a, p. 44), com os principais conjuntos teóricos sendo vistos quase como incomensuráveis e disputando a hegemonia na disciplina, remetendo à visão científica de Kuhn (BALDWIN, 1993; KEOHANE, 1986; SMITH, 1987). Posteriormente, essa visão passou a sofrer críticas (LAKE, 2011; WAEVER, 1996), mas manteve-se presente, ao menos no debate *mainstream*⁷ da disciplina e na estrutura dos principais manuais teóricos (JACKSON; SØRENSEN, 2007; NOGUEIRA; MESSARI, 2005; STEANS et al., 2010).

Em um segundo momento, especialmente no fim da década de 1990 e início dos anos 2000, visualiza-se uma relativa atenuação da narrativa acerca do desenvolvimento

⁶ Tradução própria. No original, “*There is a strong tendency in the subfield to engage in metatheoretic exercises without metatheory; to evaluate theoretical aggregates without using suitable or even necessary toolkits.*”

⁷ Lê-se essencialmente realismo e liberalismo e suas principais variantes.

tórico da disciplina por meio da noção de debates paradigmáticos e uma tendência à avaliação dos conjuntos teóricos como programas de pesquisa lakatosianos (ELMAN; ELMAN, 2003b; VASQUEZ, 1997). Isso significou o reconhecimento de um número maior de teorias e conjuntos teóricos, mas, em geral, ainda vinculadas de alguma forma às teorias *mainstream* e aos princípios lakatosianos de filiação, coerência interna e mútua exclusão de programas.

Por fim, mais recentemente, a partir da metade da década de 2000, passam a ser produzidos trabalhos que discutem abordagens mais ecléticas às teorias de RI, como os de David Lake (2013), e Rudra Sil e Peter Katzenstein (2010). Nesse ponto, importa para os autores incorporar ideias da metateoria de Laudan, que prevê maior flexibilidade e trocas múltiplas na relação entre conjuntos teóricos. Esse processo abre espaço para um número ainda maior de teorias/conjuntos teóricos que estavam ofuscados do debate. No entanto, essa não é, em momento algum, uma visão que dominou o debate e a temporalidade apresentada não é definitiva e não significa ruptura ou superação das visões anteriores. Apenas buscou-se mostrar uma revisão breve e ampla dos caminhos seguidos pelos debates teóricos em Relações Internacionais e de suas ligações com propostas metateóricas.

Partindo desse ponto, o artigo que segue tratará de aplicações objetivas das propostas metateóricas. Buscará avaliar o conjunto teórico da Sociologia Histórica, que tem recebido crescente atenção para observação de fenômenos das Relações Internacionais (BHAMBRA, 2010; HALLIDAY, 1999; HOB DEN, 1999; HOBSON, 1998b, 2002, 2003; HOBSON; HOB DEN, 2002; LAWSON, 2007; SPRUYT, 1998). Sua composição e estrutura teórica ainda não são claras, sinalizando possivelmente uma proposta metateórica híbrida entre as visões de Lakatos e Laudan. Com isso, o artigo pretende produzir resultados em dois sentidos: construir uma proposta metateórica que permita ampliar as possibilidades de análise de conjuntos teóricos, e, compreendendo a estrutura e o desenvolvimento teórico da Sociologia Histórica, esclarecer o potencial e os caminhos para sua utilização nas Relações Internacionais.

Com relação à estrutura do trabalho, esta apresentação será seguida pelo artigo e por uma seção de conclusão que indica as contribuições, limitações e perspectivas de pesquisa futuras.

2 ANÁLISE METATEÓRICA DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA A PARTIR DE LAKATOS E LAUDAN

Resumo

Este artigo analisa a estrutura e o desenvolvimento do conjunto teórico da Sociologia Histórica, buscando identificar as principais características metateóricas a partir das dimensões de origem, consolidação e evolução teórica. Para tanto, foram utilizadas as visões metateóricas propostas por Imre Lakatos (1970a) e Larry Laudan (1977). A hipótese adotada é que o conjunto teórico da Sociologia Histórica se desenvolveu de forma híbrida com relação às visões de Lakatos e Laudan. No artigo, foram propostos três caminhos possíveis para o hibridismo metateórico: *inter-composição*, *intra-composição* e *inter-intra-composição*. Esses caminhos estão ligados às dimensões de origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos e permite avaliá-los de forma menos rígida, favorecendo o diálogo entre metateorias e o ecletismo teórico. A pesquisa justifica-se por produzir um esclarecimento sobre a formação e a construção da Sociologia Histórica, identificando os caminhos teóricos e temáticos de pesquisa e as principais contribuições de sua utilização nas Relações Internacionais. O estudo utiliza-se do método de abordagem hipotético-dedutivo e faz uso da técnica de pesquisa de revisão bibliográfica.

Palavras-chaves: Metateoria; Lakatos; Laudan; Sociologia História.

Abstract

This article analyzes the structure and development of the theoretical set of Historical Sociology, seeking to identify the main metatheoretical characteristics from the dimensions of origin, consolidation and theoretical evolution. In order to do that, it uses the metatheoretical views proposed by Imre Lakatos (1970a) and Larry Laudan (1977). The hypothesis adopted is that the theoretical set of Historical Sociology developed in a hybrid way in relation to the views of Lakatos and Laudan. In the article, three possible ways for metathetical hybridism were proposed: *inter-composition*, *intra-composition* and *inter-intra-composition*. These paths are linked to the dimensions of origin, consolidation and evolution of theoretical sets and allow them to be evaluated less rigidly, favoring the dialogue between metatheories and theoretical eclecticism. Moreover, the research is justified by producing an explanation about the formation and construction of Historical Sociology, identifying the theoretical and thematic research paths and the main contributions of its use in International Relations. The study uses the hypothetical-deductive approach method and the literature review research technique.

Key-words: Metatheory; Lakatos; Laudan; Historical Sociology.

2.1 INTRODUÇÃO

Os debates metateóricos nas Relações Internacionais têm sido marcados⁸ por duas dificuldades identificadas por este estudo, para além do problema mais essencial do número relativamente baixo de trabalhos que fazem qualquer discussão metateórica. Primeiramente, existe uma falta de clareza quanto à aplicação das metateorias. Constantemente, são utilizados conceitos e definições que remetem a propostas metateóricas específicas sem que haja a intenção de aplica-las rigorosamente ou sem a clarificação dos objetivos pretendidos e reconhecimento da origem dos termos (HUDSON, 2005; KEOHANE, 1988; LEVY, 1992; PARIS, 2001; RATHBUN, 2007; SMITH, 1987). Tornam-se comuns, em consequência, usos intercambiáveis de termos que carregam sentidos metateóricos distintos (*paradigm, tradition, program*) e, muitas vezes, contraditórios sem a devida distinção (KEOHANE, 1986, p. 159; LEMKE, 2002; MARTIN; SIMMONS, 1998; MERCER, 2005).

Em segundo lugar, os trabalhos que utilizam metateoria de forma clara e explícita nas RI tendem a fazê-lo de maneira rígida, isto é, a partir da aplicação de apenas uma visão metateórica, sem discussão sobre a possibilidade e os ganhos de uma aplicação comparativa e/ou complementar entre diferentes visões⁹. Assim, a escolha da metateoria utilizada para as análises é feita *a priori* e, normalmente, é escolhida aquela que legitima ou reforça o caráter de progressividade de uma ou outra teoria/conjunto teórico. Reflete-se, na metateoria, uma tendência mais ampla que por muito tempo prevaleceu na disciplina de RI, que é a de marginalizar abordagens teóricas ecléticas e estimular um crescimento dos conjuntos teóricos baseado no isolamento e na diferenciação.

Trabalhos referência da disciplina apresentam essa característica. O maior exemplo é a obra organizada por Colin e Miriam Elman (2003b), que reúne artigos de autores expoentes como Robert Keohane e Lisa Martin (2003), DiCicco e Levy (2003), Andrew Moravcsik (2003), James Lee Ray (2003) e Randall Schweller (2003). A

⁸ Será dada uma ênfase maior na disciplina de Relações Internacionais. Para a discussão mais aprofundada sobre metateoria nas Ciências Sociais, ver Fay (1985), Levey (1996), Moore (2001), Ritzer (1988, 1990, 2001) e Wagner e Berger (1985).

⁹ Cabe destacar o único trabalho encontrado que tenta combinar visões metateóricas em uma proposta de análise nas RI. O artigo de Patrick James (1993) analisa o conjunto teórico do realismo estrutural como um *'research enterprise'*. Para tanto, o autor propõe combinar conceitos de Lakatos (1970) e Laudan (1977), que também são os focos desta pesquisa. Apesar de a discussão de complementariedade feita por James ter sido breve e direcionada para alguns poucos pontos, fica claro que tais esforços são possíveis e desejáveis.

proposta dos organizadores de avaliação das teorias de RI a partir da metateoria de Lakatos é, sem dúvida, um divisor de águas com relação ao debate metateórico na disciplina, e merece ser reconhecido como tal. Entretanto, naquele mesmo momento os próprios autores reconheceram os limites de uma abordagem tão rígida. É sintomática a observação de Diccico e Levy (2003, p. 157) de que o futuro da pesquisa deveria “examinar programas de pesquisa históricos a partir de lentes conceituais de distintas metateorias simultaneamente” para produzir melhores descrições do desenvolvimento de conjunto teóricos¹⁰.

Fica claro também, nesse ponto, o fato de diversas teorias serem negligenciadas e esquecidas em avaliações metateóricas do progresso da disciplina por não se ‘encaixarem’ nos critérios estabelecidos por determinada visão metateórica escolhida. Entre outros, esse parece ser particularmente o caso da Sociologia Histórica. Acredita-se que, apesar da crescente influência da Sociologia Histórica (BHAMBRA, 2010; HOB DEN, 1998; HOBSON, 1998a, 2002; HOBSON; HOB DEN, 2002; LAWSON, 2006, 2007; ROSENBERG, 2006; SPRUYT, 1998; TESCHKE, 2014), o potencial de suas contribuições para a teoria de Relações Internacionais ainda não foi atingido, justamente pela falta de clareza acerca de sua construção e estrutura enquanto conjunto teórico. As tentativas de apresentação do conjunto teórico da Sociologia Histórica foram feitas, até agora, de maneira intuitiva, sem a aplicação criteriosa de metateorias (HOB DEN, 1998; LAWSON, 2006; SPRUYT, 1998).

Tendo esses problemas em vista, o artigo parte da hipótese de que o conjunto teórico da Sociologia Histórica se estruturou de forma híbrida em relação às visões/propostas de Lakatos (1970a) e Laudan (1977) sobre origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos. De forma adjacente, tem-se que (subH1) tanto a metateoria de Lakatos quanto a de Laudan são insuficientes, porém, necessárias, para compreender o desenvolvimento da corrente teórica da Sociologia Histórica; e (subH2) quando utilizadas de forma híbrida (associada/conjunta), as propostas de Lakatos e Laudan são condições necessárias e suficientes para compreender o desenvolvimento da corrente teórica da Sociologia Histórica. Com isso, as inovações do trabalho se dão em três sentidos: na discussão teórica da Sociologia Histórica nas Relações Internacionais, na avaliação metateórica desenvolvida e na construção de uma proposta metateórica.

¹⁰ Tradução própria. No original: “task for future research would be to examine historical research programs through the conceptual lenses of several distinct metatheories simultaneously in order to evaluate which metatheory most accurately describes how research traditions evolve”

O artigo organiza-se em três seções, para além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção buscará comparar as visões de Lakatos e Laudan para a origem, a consolidação e a evolução de conjuntos teóricos, e apresentar as possibilidades de complementariedade e hibridismo entre elas. A segunda seção, por sua vez, analisará os processos de origem e consolidação do conjunto teórico da Sociologia Histórica. Por fim, a terceira seção avaliará a evolução do conjunto teórico da Sociologia Histórica a partir da evolução de sua subcorrente teórica conhecida como Tese Belicista, que trata da relação entre guerra e construção do Estado moderno.

2.2 METATEORIA E OS CONJUNTOS TEÓRICOS: ABORDAGEM HÍBRIDA DE LAKATOS E LAUDAN

Como e por que as propostas de ‘programas de pesquisa’ de Lakatos e de ‘tradições de pesquisa’ de Laudan são comparáveis e permitem visões híbridas? Esses são questionamentos centrais cujo esclarecimento produz a base das discussões de hibridismo metateórico do trabalho. Importa que as respostas expressem, mesmo que brevemente, as justificativas para as suas escolhas, a despeito de que é “impossível adentrar avaliações disciplinares sem que se façam escolhas explícitas entre uma série de epistemologias concorrentes”¹¹ (ELMAN; ELMAN, 2003b, p. 4).

Primeiramente, a comparação das propostas de Lakatos e Laudan é válida porque ambos partem do mesmo ponto básico: os objetos de análise fundamentais são conjuntos teóricos¹². O foco não está em teorias isoladas. Ambos estão interessados em agregados teóricos constituídos por diferentes teorias a partir de elementos comuns, e concordam que “as teorias mais gerais, não as mais específicas, são a principal ferramenta para se entender e se avaliar o progresso científico” (LAUDAN, 2011, p. 102). Esse se tornou o padrão analítico dentro da própria disciplina de RI (ELMAN; ELMAN, 2003b; JAMES, 1993; KEOHANE, 1986; LAPID, 1989; VASQUEZ, 1997; WALTZ, 1997, 2003).

Em segundo lugar, os dois filósofos da ciência convergem ao sintetizarem e avançarem elementos importantes trabalhados por autores anteriores, especialmente Popper e Kuhn. Por um lado, carregam de Popper a noção de que existe uma racionalidade científica baseada na construção e teste de hipóteses falseáveis, sendo

¹¹ Tradução própria. No original: “it is impossible to engage in disciplinary appraisals without making explicit selections from among a menu of competing epistemologies” (Elman e Elman, 2003, p. 4).

¹² Termo neutro que será usado para se diferenciar das nomenclaturas dadas pelos autores (programas de pesquisa de Lakatos e tradições de pesquisa de Laudan).

“possível estabelecer critérios objetivos para se decidir entre teorias em competição” (KRASNER, 1985, p. 137). Por outro lado, essa noção é relativizada ao passo que eles incorporam a visão Kuhniana de que a perpetuação dos conjuntos teóricos envolve pressupostos/diretrizes que não são necessariamente testáveis ou racionais¹³.

Por fim, ambos tratam da complexa relação entre o conjunto teórico e as teorias que a constituem. Esta é uma questão central para eles e também para este trabalho, pois, mesmo que muitas vezes eles não deixem isso tão claro, em última instância são as teorias que materializam a fase de evolução dos conjuntos. São as teorias específicas, e suas hipóteses, que produzem explicações, predições e que são colocadas à prova empiricamente. De forma simplificada, os conjuntos constroem as bases (teóricas, metodológicas, ontológicas, etc) sobre as quais as teorias específicas trabalham, além de mostrarem normativamente os caminhos científicos que podem ou não ser seguidos. Os conjuntos teóricos, por si só, “não são explicativas, preditivas nem diretamente testáveis” (LAUDAN, 2011, p. 117). Em uma analogia superficial com o jogo de xadrez, as teorias e hipóteses específicas seriam os peões, que estão na linha de frente. Caso derrotados, sua eliminação não implica necessariamente o fim do jogo (conjunto). Assim, as teorias específicas são sempre analisadas como partes do conjunto teórico e a partir da relação com o conjunto, jamais de forma totalmente isolada (LAKATOS, 1979, p. 144).

O papel das metateorias, dessa forma, é tanto analítico, possibilitando formas de avaliação da construção e do desenvolvimento de teorias e suas agregações, quanto normativo, como formas de se proceder para a produção de conhecimento científico válido. Debruça-se, neste trabalho, essencialmente sobre o papel analítico das metateorias¹⁴. A comparação entre as propostas de Lakatos e Laudan será construída a partir do estabelecimento de três dimensões sobre o papel das metateorias na avaliação de conjuntos teórico¹⁵, a saber: *origem*, *consolidação* e *evolução*. A origem refere-se ao surgimento do conjunto teórico, suas raízes. O surgimento de um conjunto teórico não é

¹³ Explica, por exemplo, a continuidade de teorias que não são descartadas mesmo quando são refutadas empiricamente. Nesse caso, não seriam científicas na visão popperiana. Nas Relações Internacionais, Yosef Lapid (1989) identifica a ampliação do paradigmatismo na composição da disciplina, o que para ele significa que as correntes teóricas adotam explicitamente elementos ontológicos/ideológicos que lhes dão coerência e significado.

¹⁴ Mesmo assim, é impossível desvincular totalmente a normatividade da análise, visto que todas as escolhas que fazemos são informadas por alguma visão de mundo ou, nesse caso, de ciência.

¹⁵ Cabe destacar que os autores (Lakatos e Laudan) não fazem essa distinção explicitamente, e ela é parte da proposta deste trabalho. Nesse sentido, o enquadramento de um ou outro elemento da visão dos autores nas dimensões propostas envolveu processos de interpretação e escolhas, que são sempre passíveis de discussão e refinamento.

necessariamente intencional, e sua amplitude inicial depende do propósito científico para qual foi produzida. Já a consolidação relaciona-se ao amadurecimento teórico, em que os conjuntos passam a adquirir um corpo fundamental e construir uma identidade que os diferencia de outras teorias (em termos teóricos, empíricos, metodológicos). A evolução é entendida como sendo constante processo de transformação (que podem ser mais ou menos profundas) e de (re)estruturação dos caminhos progressivamente importantes.

Origem

Tendo em vista o foco de Lakatos e Laudan nos processos de evolução e transformação dos conjuntos teóricos, as ideias sobre suas origens ficam muitas vezes implícitas em seus trabalhos. Mesmo assim, é possível identificar elementos recorrentes que sugerem a forma que os autores veem essa dimensão.

Para Lakatos, o surgimento dos programas de pesquisa¹⁶ científica se dá sobretudo a partir do pensamento de um autor, que pode ser considerado o ‘pai fundador’ do programa. Isto é, o núcleo do programa de pesquisa está ligado fundamentalmente às ideias de um autor principal. Lakatos, por exemplo, sempre se refere ao programa “de Newton” e “de Galileu”: “Newton elaborou o seu programa para um sistema [...] Em seguida, Newton desenvolveu o programa para [...]” (LAKATOS, 1979, p. 166). Além disso, o início, assim como toda a continuidade, dos programas de pesquisa é marcado por confluência e unanimidade de pensamento, permitindo pouco espaço para contradições. Assim, “os elementos dessa série de teorias costumam estar ligados por notável continuidade, que os solda em programas de pesquisa” (LAKATOS, 1979, p. 161). Esses elementos produzem outra característica importante da origem dos programas de pesquisa para Lakatos, que é a existência de um momento claro de criação, vinculado a um autor ou a uma obra específica. O ponto de origem, com isso, é muito mais facilmente visualizado em Lakatos.

Já para Laudan, as tradições de pesquisa¹⁷ se originam muito mais a partir de temas, que são combinados para resolver problemas teóricos e empíricos. As tradições possuem um caráter naturalmente eclético, pois surgem da organização de estruturas teóricas destinadas a resolução problemas. Portanto, os inputs teóricos e temáticos que

¹⁶ Novamente, toda vez que forem utilizadas as nomenclaturas ‘programas de pesquisa’, ‘programas de pesquisa científica’ e ‘PPC’, está se referindo especificamente a visão metateórica de Lakatos.

¹⁷ Da mesma forma, ‘tradições de pesquisa’ e ‘tradições’ referem-se exclusivamente a visão metateórica de Laudan.

estão na origem das tradições são sempre múltiplos e, por vezes, contraditórios. Consequentemente, “um conjunto de suposições diretivas pode apoiar, ao mesmo tempo, muitas teorias, incompatíveis” (LAUDAN et al., 1993, p. 71). Mesmo sendo possível encontrar autores e obras fundamentais para o surgimento das tradições, o momento de origem é difuso, justamente por conta de o processo de estruturação teórica das tradições envolver diálogos entre disciplinas e abordagens e convergência entre diferentes autores/obras.

Consolidação

Com relação à consolidação, para Lakatos ela acontece a partir de um ‘núcleo duro’ que é hierarquicamente superior na estrutura dos programas de pesquisa (LAKATOS, 1979, p. 163), pois é composto de “elementos centrais que se mantêm imunes à refutação e que nunca mudam até que o conjunto seja abandonado” (LAUDAN et al., 1993, p. 30). Associadamente, do núcleo duro emerge uma ‘heurística negativa’ que o torna inviolável à medida que “proíbe dirigir o *modus tollens*¹⁸ para esse núcleo” (LAKATOS, 1979, p. 163). A heurística negativa tem caráter punitivo, isto é, aqueles que não a seguirem¹⁹ são enquadrados fora do escopo do programa. Isso significa que o núcleo duro não é falseável e não pode ser negado. Por fim, Lakatos destaca a formação de uma heurística positiva que especifica os caminhos de pesquisa a serem seguidos no processo de evolução dos programas. É ela que determina os problemas racionalmente importantes a serem investigados, “muito mais do que as anomalias psicologicamente preocupantes ou tecnologicamente urgentes” (LAKATOS, 1979, p. 168).

Para Laudan, também existem suposições centrais que perpassam todas as dimensões das tradições de pesquisa. Entretanto, esse núcleo não é organizado de forma tão rígida e hierárquica como o de Lakatos. O próprio ecletismo vinculado à origem laudaniana dificulta a produção de consensos absolutos sobre os elementos centrais que formariam o núcleo. Por isso, “o conjunto dominante de suposições diretivas não é imune a críticas” (LAUDAN et al., 1993, p. 43) e “possui elementos centrais que às vezes se modificam de maneira paulatina” (LAUDAN et al., 1993, p. 31). Laudan, por sua vez, dá uma atenção comparativamente maior ao componente metodológico que compõe a estrutura fundamental das tradições de pesquisa. São suposições “dos tipos de

¹⁸ Latim: modo que nega por negação.

¹⁹ Ou seja, questionarem o núcleo duro.

objetos e processos em um domínio e dos métodos adequados para estudá-los” (LAUDAN et al., 1993, p. 30), que são muitas vezes “os próprios objetos de disputa” (LAUDAN et al., 1993, p. 42) e transformação. Em suma, Laudan vê a consolidação como a construção de pressupostos centrais (ontológicos e metodológicos) que orientam a evolução da pesquisa, mas nunca de forma definitiva ou inquestionável.

Evolução

Como discutido anteriormente, uma das formas de análise da evolução, para ambos os autores, é a partir do desenvolvimento das teorias específicas e da relação com o conjunto teórico mais amplo.

Para Lakatos, a evolução depende da filiação ao programa de pesquisa, ou seja, da aceitação completa dos pressupostos (núcleo duro) e da heurística negativa (não transgressão). Os pesquisadores, mesmo trabalhando em teorias específicas, reconhecem que estão inseridos em um programa de pesquisa maior. Essas teorias que “tem de suportar o impacto dos testes e ir se ajustando e reajustando, ou mesmo serem completamente substituídas, para defender o núcleo” (LAKATOS, 1979, p. 163). Lakatos também vê a evolução como necessariamente cumulativa. Isso significa que, em uma série de teorias, “Lakatos requer que a teoria Y deva explicar tudo que a teoria X explica e algo a mais. Mas este ‘algo a mais’ não pode ser apenas a lacuna conhecida de X”²⁰(ELMAN; ELMAN, 2003a, p. 57). Dessa forma, a evolução para Lakatos é totalmente baseada na predição de fatos novos que devem ser empiricamente corroborados. Nas palavras dele, “uma série de teorias será progressiva se cada nova teoria tiver algum excesso de conteúdo empírico em relação à sua predecessora, isto é, se ela predisser algum fato novo [...] e se parte desse conteúdo empírico excessivo for corroborado” (LAKATOS, 1979, p. 144). Isto, pois “*um fato dado só será explicado cientificamente se um fato novo também for explicado com ele*” (LAKATOS, 1979, p. 145 grifo no original). Assim como as outras dimensões, a evolução lakatosiana preserva e aprimora a unanimidade, porque premia a continuidade (LEVEY, 1996, p. 34) e a “capacidade de fazer predições bem-sucedidas utilizando suas suposições centrais, ao invés de utilizar suposições inventadas para o propósito considerado” (LAUDAN et al., 1993, p. 31).

²⁰ Tradução livre. No original: “Lakatos requires that Theory Y should explain all that Theory X does and something more. But that “something more” cannot just be X’s known lacunae.” (ELMAN, 2003:243)

Já para Laudan, a evolução implica escolha crítica, que envolve aceitação apenas parcial dos pressupostos, e permite modificação, expansão e inclusão. Assim, “os componentes relacionados não constituem um pacote de se pegar ou largar; os cientistas tratam esses componentes como individualmente negociáveis e substituíveis” (LAUDAN et al., 1993, p. 76). A evolução não é cumulativa, visto que “a sucessão de teorias específicas dentro de um conjunto envolve a eliminação e a adição de premissas, e são raras as teorias sucessoras que englobam todo o conteúdo das anteriores” (LAUDAN, 1977, p. 77). Mais central à visão de Laudan talvez seja a ideia de que a lógica das tradições de pesquisa é baseada na capacidade de resolução de problemas teórico-conceituais e empíricos (LAUDAN, 2011, p. 117). Isso é importante por duas razões. Por um lado, objetiva a explicação (e não a predição) e “os problemas explicados, ao invés do alcance potencial de aplicação (generalização), deve ser o mais importante na escolha de uma teoria²¹” (JAMES, 1993, p. 130). Por outro, reconhece a necessidade de clareza e coerência conceitual (LAUDAN, 1977, p. 45). Nesse sentido, a evolução pode se dar em termos teóricos, e é desejável que os conceitos e variáveis sejam constantemente problematizados e discutidos, “independente do sucesso ou fracasso experimental” (GHOLSON; BARKER, 1985, p. 280). Em resumo, o modelo de Laudan para evolução é marcado pelo foco na explicação e pela possibilidade de problematização de conceitos, variáveis, hipóteses e metodologias.

As visões dos dois autores são sintetizadas de forma comparada no Quadro 2.

Quadro 2. Comparação entre as visões de Lakatos e Laudan sobre origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos

	LAKATOS	LAUDAN
ORIGEM	<ul style="list-style-type: none"> - Surgimento a partir de um autor → “pai fundador” - Unanimidade/Confluência - Momento claro de criação → obra/autor criador 	<ul style="list-style-type: none"> - Surgimento a partir de temas → resolução de problemas - Contradição/Ecletismo - Momento de criação difuso → convergência de autores e obras
CONSOLIDAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Hierárquica → Núcleo duro inviolável - Heurística punitiva - Especificação dos caminhos a serem seguidos → heurística positiva 	<ul style="list-style-type: none"> - Não-hierárquica → Pressupostos orientadores - Componente metodológico - Orientações mais amplas

²¹ Tradução livre. No original: “Laudan asserted that solved problems, rather than potential range of application, should be most important in selecting one theory over another” (JAMES, 1993:131).

EVOLUÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Filiação → aceitação completa dos pressupostos (núcleo duro) e não transgressão - Cumulativa → transformações devem incluir o conteúdo não refutado anterior - Predição empírica → necessidade de prever fatos novos que sejam corroborados empiricamente - Aprimorar unanimidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Escolha crítica → aceitação dos pressupostos básicos, mas possibilidade de modificação, expansão e inclusão. - Vinculação ao problema - Não cumulativa → transformações não necessariamente incluem o conteúdo anterior - Resolução de problemas teóricos e empíricos → explicação - Problematicar contradições
-----------------	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor

Objetivando a compreender as estruturas teóricas da Sociologia Histórica e elucidar os caminhos de seu desenvolvimento (sobretudo nas RI) a partir da utilização das propostas metateóricas de Lakatos e Laudan, tem-se a hipótese de que a Sociologia Histórica se estruturou de forma híbrida em relação às visões de Lakatos e Laudan sobre origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos. Acredita-se que a possibilidade de hibridismo metateórico abre caminhos fundamentais para a compreensão de conjuntos teóricos.

Nesse sentido, analisando as visões dos autores sobre origem, consolidação e evolução, visualizam-se três caminhos possíveis para o hibridismo entre as metateorias: um caminho de *inter-composição*, outro de *intra-composição*, e um terceiro denominado preliminarmente de *inter-intra-composição*. Na *inter-composição*, as visões dos autores sobre cada uma das dimensões teóricas (origem, consolidação e evolução) permanecem separadas, e o resultado, em cada uma das dimensões, é a visão de Lakatos (a) ou de Laudan (b). Em cada uma das dimensões é possível, apenas, um ou outro (a ou b), e não uma combinação entre eles. Nesse caso, a visão de um dos autores é suficiente para cada dimensão separadamente, mas não para o todo (três dimensões). O hibridismo está, justamente, na necessidade de que a visão de cada um dos autores (Lakatos e Laudan) esteja contemplada no resultado de, no mínimo, uma dimensão (origem, consolidação ou evolução).

No caso da *intra-composição*, o grupo de elementos²² para a análise de cada uma das dimensões teóricas (origem, consolidação e evolução) é constituído a partir da combinação dos elementos associados às visões de Lakatos (a) e Laudan (b) sobre cada uma as dimensões. Em outras palavras, é criado um novo grupo, híbrido (c), que mescla as duas visões. Aqui não existe a possibilidade de que, separadamente, as visões de Lakatos (a) ou Laudan (b) sejam suficientes para compreender qualquer uma das

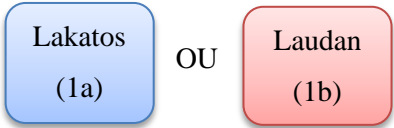
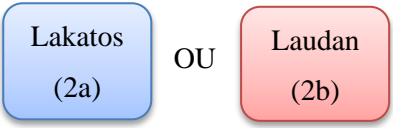
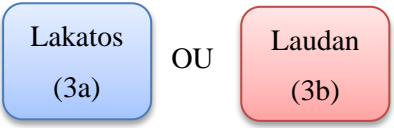
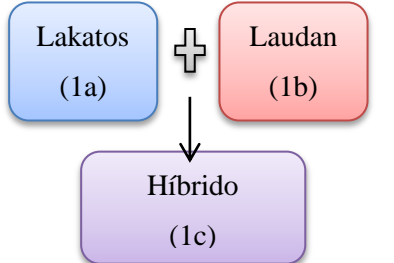
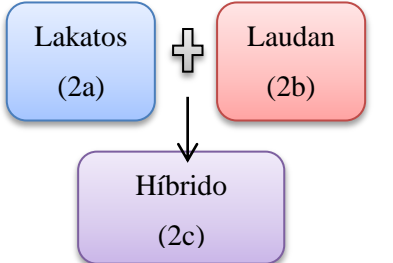
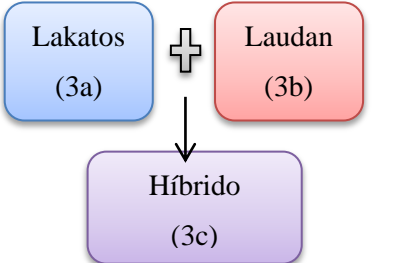
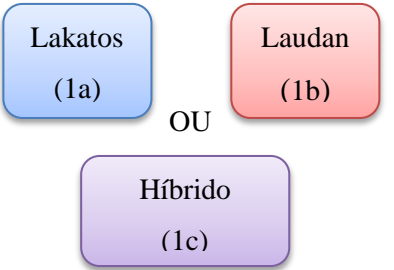
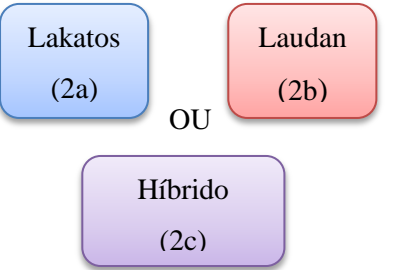
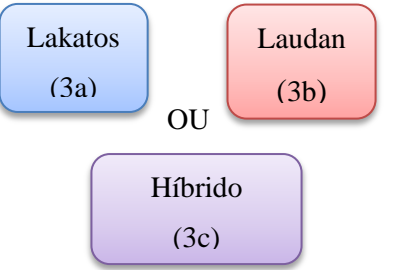
²² Nessa explicação, “grupo de elementos” e “visão” têm o mesmo sentido.

dimensões do conjunto teórico analisado, sendo necessário um novo grupo de elementos, híbrido (c), que combine os elementos das duas visões para cada dimensão.

Por fim, a *inter-intra-composição*, como o nome já sugere, é uma junção das duas anteriores. Mantém, da inter-composição, o fato de que as visões sobre cada uma das dimensões teóricas permanecem separadas. Mas importa, da intra-composição, a visão híbrida (c), que passa a ser uma das possibilidades. Novamente, não é possível que uma das visões, agora Lakatos (a), Laudan (b) e Híbrida (c), seja suficiente para as três dimensões, e pelo menos duas das três devem estar representadas em cada um dos resultados.

No quadro 3, estão representados os três caminhos possíveis de hibridismo propostos a partir da composição das visões de Lakatos e Laudan sobre origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos. Na última coluna, são expostos o número de resultados encontrados e a especificação do total de variantes.

Quadro 3. Possibilidades de hibridismo a partir da composição das visões de Lakatos e Laudan sobre origem, consolidação e evolução

	Origem (1)	Consolidação (2)	Evolução (3)	Resultados/Variantes
Caminho I: Inter-Composição				Número de resultados possíveis: <u>06</u> Variantes: 1a2b3a 1b2b3a 1a2b3b 1b2a3a 1a2a3b 1b2a3b
Caminho II: Intra-Composição				Número de resultados possíveis: <u>01</u> Variantes: 1c2c3c
Caminho III: Inter-Intra-Composição				Número de resultados possíveis: <u>18</u> Variantes: 1a2c3b 1b2b3c 1c2a3c 1a2a3c 1a2c3c 1b2c3a 1b2c3b 1c2b3b 1c2b3a 1b2c3c 1c2b3c 1c2c3a 1a2b3c 1b2a3c 1c2a3a 1a2c3a 1c2a3b 1c2c3b

*Elementos que compõe o híbrido (c) podem variar

**Híbrido (c) não pode combinar elementos excludentes

Fonte: Elaborado pelo autor

As próximas duas seções buscarão descrever e analisar os processos de origem, consolidação e evolução do conjunto teórico da Sociologia Histórica. Com isso, será possível avaliar qual o caminho e, especificamente, a variante de hibridismo melhor compreende o conjunto teórico da Sociologia Histórica como um todo.

2.3 ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DO CONJUNTO TEÓRICO DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA

Em sua concepção originária, a Sociologia surge como uma tentativa de compreensão e explicação de transformações sociais consideradas sem precedentes na história humana. Seus fundadores clássicos, Marx, Weber e Durkheim, buscavam entender um período de mudanças profundas no sistema social relacionadas à passagem ao mundo moderno. Conforme Lachman (2013, p. 1), “Sociologia no seu início era histórica em virtude dos questionamentos feitos por seus fundadores”. Essas transformações ocorriam em todas as esferas sociais e, para entendê-las, era necessária uma compreensão da sociedade que, também, possibilitasse a diálogo com distintos campos do conhecimento. Sobre esse ponto, Giddens (2001, p. 18) afirma que “a Sociologia engloba uma variedade de perspectivas teóricas, e esta diversidade é um sinal de força e vitalidade da disciplina”.

A Sociologia, interessada por processos de transformação de estruturas sociais ao longo do tempo, sempre possuiu uma veia histórica. Alguns autores vão além ao apontar que a própria ideia de uma compreensão sociológica que seja histórica teria sido o elemento central da formação da Sociologia como um todo (ABRAMS, 1982, p. 8). Entretanto, essa relação fica muito mais clara a partir de um impulso da Sociologia Histórica nos anos 1970, em que ela passa a contrastar com um período anterior em que a abordagem histórica havia perdido espaço dentro das Ciências Sociais, em prol de perspectivas behavioristas e funcionalistas (SKOCPOL, 2004, p. 8–9). Essa “nova onda” (MAHONEY, 2006) da Sociologia Histórica, chamada também de “nova sociologia histórica” (MONSMA, 2016), “sociologia comparativa” (ABBOTT, 1991) e “sociologia histórica contemporânea” (BORBA, 2014) é, mais precisamente, o objeto desta investigação. Tal foco justifica-se, primeiramente, por ser a partir desse momento que a Sociologia Histórica se constrói de forma coesa enquanto conjunto teórico, cujos proponentes “compartilham uma missão comum de crítica às perspectivas dominantes e criação de um modo mais histórico de fazer ciência social” (MAHONEY, 2006, p. 375).

Em segundo lugar, é neste período que a Sociologia Histórica passa a ter mais influência e dialogar diretamente com a teoria de Relações Internacionais (HOB DEN, 1998, 1999; HOBSON, 2002; SPRUYT, 1998).

A **origem** dessa Sociologia Histórica, então, é identificada a partir da integração entre princípios e características teóricas e metodológicas. Primeiramente, o surgimento da Sociologia Histórica está ligado à ideia básica de fornecer explicações para processos e relações ainda não explicados ou insuficientemente explicados e, com isso, “perceber padrões históricos, usando no processo quaisquer fontes teóricas que pareçam úteis e válidas” (SKOCPOL, 2004, p. 24). Nesse sentido o objetivo básico, conforme Skocpol (2004, p.23), “não é retrabalhar nem revelar a inaplicabilidade de uma perspectiva teórica existente, nem gerar um paradigma alternativo para substituir tal perspectiva.” O que os pesquisadores produzem, na verdade, é “análise social histórica de uma forma que eu chamaria de **orientada por problemas**” (SKOCPOL, 2004, p. 23)²³.

Para tanto, os principais autores ligados à origem do conjunto, Barrington Moore Jr., Theda Skocpol e Charles Tilly, transitavam por fronteiras teóricas e disciplinares múltiplas, sugerindo um caráter naturalmente eclético e interdisciplinar da Sociologia Histórica. Apesar do destaque mais óbvio para a intersecção entre Sociologia e História, os problemas que interessavam aos ‘sociólogos históricos’ geravam *inputs* cujas propostas de resolução necessariamente demandavam a incorporação dos campos da Política, Economia e Relações Internacionais. Para Skocpol, os sociólogos históricos são “parte de uma comunidade interdisciplinar crescente de cientistas sociais orientados historicamente”²⁴ (SKOCPOL, 1984, p. 359), e “qualquer um que olhar para os métodos e ideias desses acadêmicos irá perceber, imediatamente, a variedade e o ecletismo produtivo”²⁵ (SKOCPOL, 1984, p. 361). A figura 1 representa, de forma condensada, os principais campos do conhecimento que fundamentam as bases originárias da Sociologia Histórica.

²³ Grifo próprio.

²⁴ Tradução própria. No original: *part of a growing interdisciplinary community of historically oriented social scientists.*

²⁵ Tradução própria. No original: *Anyone who looks into the methods and ideas used by these many scholars will immediately perceive variety and fruitful eclecticism.*

Figura 1. Principais campos do conhecimento que formam a Sociologia Histórica

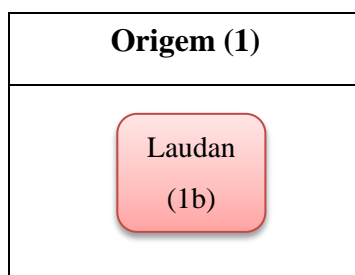


Fonte: Elaborado pelo autor

A análise metateórica do processo de origem do conjunto teórico da Sociologia Histórica permite algumas conclusões preliminares. Verificam-se três propriedades: i) criação a partir da resolução de problemas, ou seja, a pesquisa guiada pela identificação de problemas, teóricos e empíricos, que demandavam novas abordagens explicativas; ii) ecletismo teórico e disciplinar, sendo que tanto os temas/problemas que interessavam os sociólogos históricos em sua origem quanto as explicações produzidas por eles tangenciavam diferentes campos do conhecimento; e iii) surgimento parcialmente claro, pois mesmo que tenham sido listados alguns autores e obras fundamentais, que sempre deverão ser considerados ao tratar do surgimento do conjunto teórico, é impossível apontar um autor criador ou um momento exato em que é criada a Sociologia Histórica. Por fim, ao comparar as propriedades verificadas com as propostas metateóricas consideradas na primeira seção, entende-se que a visão de Laudan (b) compreende de forma mais adequada a origem (1) da Sociologia Histórica. Assim, no caso da origem, a visão laudaniana é necessária e suficiente²⁶.

²⁶ Assim, o trabalho é prudente ao direcionar a conclusão preliminar sobre a origem do conjunto teórico para fora da hipótese.

Quadro 4. Visão metateórica da origem da Sociologia Histórica



Fonte: elaborado pelo autor

A passagem de um momento de origem para um de **consolidação** dos conjuntos teóricos não é algo tão claro, até porque elas não são dimensões necessariamente atreladas a noções temporais, mas sim a processos graduais de desenvolvimento teórico que não possuem uma temporalidade pré-definida e nem ocorrem bruscamente. A consolidação envolve, sobretudo, compreender recorrências e padrões teóricos. Busca-se apresentar, nesse ponto, que a expansão da Sociologia Histórica produziu uma relativa coesão em torno de algumas premissas básicas sobre o conteúdo a ser produzido, possibilitando a continuidade e o fortalecimento do conjunto teórico.

Propõe-se a existência de um núcleo de quatro premissas essenciais da Sociologia Histórica que, apesar de não serem completamente estáticas, são objetos que produzem alto grau de concordância e praticamente nenhum de contestação entre os que trabalham no conjunto. As premissas (P) são:

(P1) Recuperação da história na compreensão sociológica; as explicações sociológicas devem ser historicamente informadas. É a premissa básica do conjunto da Sociologia Histórica, que fica evidente em todos os principais estudos. Muito mais do que o reconhecimento da importância da história por si só, a visão histórica é um “meio para explorar criticamente as origens das instituições e práticas modernas internacionais e domésticas”²⁷ (HOBSON, 1998a, p. 286). Isso fica ainda mais evidente ao recuperar os principais proponentes da Sociologia Histórica. Tilly afirma que “todo fenômeno político significativo vive na história e requer uma análise historicamente situada para sua explicação”²⁸ (TILLY, 2006, p. 433), e Skocpol lembra que devemos “respeitar a

²⁷ Tradução própria. No original: *a means of problematizing and critically exploring the origins of modern domestic and international institutions and practices.*

²⁸ Tradução própria. No original: *every significant political phenomenon lives in history, and requires historically grounded analysis for its explanation.*

historicidade inerente às estruturas sociopolíticas”²⁹ (SKOCPOL, 1985, p. 28). Para Abrams (1982, p. ix), por fim, “muitos dos problemas mais sérios enfrentados pelos sociólogos precisam ser resolvidos historicamente”³⁰.

(P2) Coconstituição entre agentes e estruturas (estruturação); diferencia-se tanto da ideia de estruturalismo, em que os atores são determinados pelos estímulos estruturais, quanto à noção de agência completa, em que os atores possuem total liberdade de ação e intencionalidade na produção de resultados. O debate agente-estrutura é um ponto muito caro à Sociologia, e está fortemente presente nas obras de autores consagrados como Anthony Giddens (1979, 2001)³¹. Especificamente na Sociologia Histórica, essa premissa é válida porque, mesmo que haja discordância sobre o peso relativo da estrutura ou da agência em diferentes processos, o conjunto teórico da Sociologia Histórica não pressupõe análises que reduzam a explicação totalmente a uma ou outra. Busca refletir nas explicações uma visão complexificada das relações sociais, e “porque estruturas de poder e atores são múltiplos e constantemente interagem e moldam um ao outro de forma complexa, torna-se problemático falar de atores como Estados ou classes como um todo autônomo e auto-constituído”³² (HOBSON, 1998a, p. 289).

(P3) A esfera dinâmica do ambiente social (processos e interações); processos ocorrem no tempo e são a ligação entre agentes e estrutura. Isso significa que os processos e a interação entre sucessões de processos são fundamentais. Em resumo, “essa moldagem da ação pela estrutura e transformação da estrutura pela ação ocorrem ambas como processos no tempo”³³ (ABRAMS, 1982, p. 3). Essa visão faz com que a Sociologia Histórica tenha como ponto de partida a “inviabilidade de esquemas etapistas, deterministas ou que dependem de um ‘motor’ da história” (MONSMA, 2016,

²⁹ Tradução própria. No original: *respect the inherent historicity of sociopolitical structures*

³⁰ Tradução própria. No original: *many of the most serious problems faced by sociologists need to be solved historically*

³¹ Aqui também se enquadraria Pierre Bourdieu (1993, 2005), que discutiu a relação entre estrutura e agência e influenciou uma corrente importante da Sociologia. Preferiu-se, entretanto, mencioná-lo em nota de rodapé por ser muitas vezes criticado pelos autores da Sociologia Histórica. Como lembrou Monsma (2016, p. 80), “os sociólogos históricos têm se mostrado relativamente resistentes aos excessos do construtivismo radical, que reduz toda a realidade social a discursos e apresentações, e trata os atores como desprovidos de agência, simples artefatos de discursos”.

³² Tradução própria. No original: *Because power forces and actors are multiple, and constantly interact and shape each other in complex ways, it becomes problematic to talk of power actors such as states or classes as wholly autonomous and self-constituting.*

³³ Tradução própria. No original: *This shaping of action by structure and transforming of structure by action both occur as processes in time.*

p. 92). Na verdade, as trajetórias são moldadas pelas interações e pelos processos que resultam de tais interações.

(P4) Indeterminação do sistema social (possibilidade de mudanças); crítica a perspectivas teleológicas e evolucionistas que apontam um fim determinado para os processos sociais-históricos. Para a Sociologia Histórica, processos de ordem, desordem e transformação (mudança e reprodução) interagem continuamente, e “fica evidente que as instituições sociais não se mantêm automaticamente e que a direção da mudança social não está predeterminada” (MONSMA; SALLA; TEIXEIRA, 2018, p. 70). Nesse sentido, o dinamismo das relações sociais produz um ambiente em que “a mudança social envolve combinações entre processos de mudança e de reprodução, cujas interações ao longo do tempo são complexas demais para permitir previsões, e eventos contingentes sempre podem mudar a direção da história” (MONSMA, 2016, p. 93).

Esse agregado de premissas forma a base mais estável da consolidação da Sociologia Histórica e serve de ponto de partida para o desenvolvimento do conjunto teórico. Em um segundo momento do processo consolidação, importa compreender as principais trajetórias seguidas pela produção teórica na Sociologia Histórica, que incorporam as premissas básicas e estão inseridas em uma heurística positiva (termo metateórico) que apresenta orientações e direções para essa produção.

Aqui, são identificados quatro componentes dessa heurística positiva (H) que são teóricos e metodológicos e estão ligados aos principais caminhos temáticos (o que importa, quais perguntas/relações) e procedimentais (como pesquisar e quais métodos utilizar) seguidos no processo de consolidação do conjunto teórico da Sociologia Histórica³⁴.

(H1) Compreensão da construção de estruturas de poder e ordem em nível do Estado, identificando processos de formação e transformação.

Esse primeiro, teórico, conduz para o que foi, desde o início, talvez a principal unidade de análise da Sociologia Histórica, o Estado. O fundamento desse caminho está em considerar o Estado como uma instituição histórica que, ao evoluir entre continuidades e transformações, mantém autonomia suficiente para ser um ator, isto é, não ser um instrumento de determinada elite tampouco simplesmente uma arena para os conflitos sociais e políticos. A materialização mais robusta nesse sentido está na obra

³⁴ Destaca-se que esse número é uma parte de um conjunto muito maior de caminhos possíveis e caminhos que foram seguidos pela pesquisa da Sociologia Histórica. Foram selecionados os mais relevantes para os objetivos do presente estudo.

“Bringing the State Back In”, organizada por Evans, Rueschneyer e Skocpol (1985) e que, em grande medida, dá uma cara mais unificada a um corpo teórico convergente que já vinha sendo produzido (HUNTINGTON, 1968; MILLS, 1959, 1956; SKOCPOL, 1979a; TILLY, 1975) e abre caminho para uma série de autores e trabalhos que buscariam analisar processos e instituições de poder a partir das premissas da Sociologia Histórica (EVANS, 1995; GEDDES, 1996; GIDDENS, 1985; MANN, 1984; MIGDAL, 1988; TILLY, 1985, 1996).

A relação intrínseca entre a Sociologia Histórica e a compreensão do Estado liga-se essencialmente a dois princípios. Primeiro, à preocupação da Sociologia Histórica em analisar macroprocessos e a evolução histórica de estruturas sociais como as estruturas políticas de autoridade (Estados). Segundo, à importância de processos históricos (como ordens políticas, modos de produção, guerras, revoluções, etc) para a formação e construção dos Estados e das capacidades estatais (CENTENO; KOHLI; YASHAR, 2017, p. 8).

Por fim, as direções seguidas nesse caminho mantêm as premissas básicas do conjunto teórico e são resumidas pontualmente por Hansen e Kjaer (2002, p. 10). Em primeiro lugar, as contribuições da Sociologia Histórica enfatizam a evolução das instituições estatais a partir de sua interação com o ambiente. O Estado e suas capacidades estão em interação contínua internamente, com a sociedade civil, os governantes, as elites de diferentes esferas, etc. Segundo, ilustram a importância de se compreender as dinâmicas estatais tanto em termos de atores quanto de estruturas. Os controladores do Estado são constrangidos pelas estruturas sociais e por trajetórias passadas, mas ao mesmo tempo possuem oportunidades para promover mudanças e reformas nas trajetórias atuais e futuras, dependendo das capacidades disponíveis. Por fim, a abordagem macro histórica característica da Sociologia Histórica atesta a importância do contexto internacional. Nesse ponto, destaca-se o fenômeno da guerra, a natureza da guerra e os tipos de relações com outros atores internacionais.

(H2) Identificação de momentos de ruptura e mudanças, compreendendo a importância da violência, de guerras e revoluções.

Seguindo as premissas básicas que afirmam a dinamicidade e a indeterminação do ambiente social, um segundo caminho de produção teórica na Sociologia Histórica, que é em grande medida complementar ao primeiro justamente no tocante às premissas básicas e às unidades de análise percebe processos de violência, como guerras e revoluções como centrais para a formação e transformação das estruturas sociais e de

poder. Nesse sentido, a dualidade entre continuidade e mudança (ruptura) é parte essencial do processo de construção de estruturas políticas. Por isso, muitos autores preocupados com a formação da ordem no Estado e as capacidades estatais também buscaram concentrar-se em processos de transformação e desordem.

Dois segmentos temáticos ligados à materialização da violência são destacados, mesmo que não esgotem o leque temático trabalhado pela Sociologia Histórica: revoluções e guerras. Entendendo a violência como um subproduto dos processos normais de competição política, Skocpol (1979b) objetiva compreender as causas de revoluções sociais na França, Rússia e China. Para ela, as revoluções sociais distinguem-se das rebeliões e das revoluções políticas por produzirem transformações tanto nas estruturas estatais quanto nas estruturas de classe da sociedade. Apesar de ter focalizado em um tipo específico de revolução, faz parte de uma corrente de estudos comparativos e historicamente fundamentados sobre as revoluções modernas³⁵.

Tilly (1975, 1985, 1996), por sua vez, analisa a formação dos Estados na Europa e a forma como eles passam a acumular e concentrar coerção e capital. A competição interestatal e a guerra são apontadas por ele como incentivadores cruciais desse processo, pois a vitória na guerra (e, ao fim e ao cabo, a sobrevivência enquanto unidade) demandava capacidades crescentes de extração de recursos e de administração efetiva deles. O autor inaugurou a “tese belicista” e as derivações desta análise buscaram compreender a relação entre guerra e Estado em outras partes do mundo e em outros períodos históricos, como será visto na seção 2.4.

(H3) Aprofundamento do método histórico como método explicativo e ampla utilização de estudos de caso e comparações;

Um terceiro caminho, que está na essência originária e permeou toda a consolidação da Sociologia Histórica, refere-se ao desenvolvimento de um método histórico comparativo como ferramenta principal da pesquisa no conjunto teórico. Essa preocupação é central a grande parte dos construtores da Sociologia Histórica, clássicos e contemporâneos, e materializa-se tanto nas análises empíricas e de casos quanto em debates puramente teóricos e metodológicos (MAHONEY; RUESCHMEYER, 2003; MAHONEY; THELEN, 2015; SKOCPOL, 1984).

³⁵ Para uma análise aprofundada sobre a literatura sociológica das revoluções modernas, ver Cepik (1996).

Conforme Mahoney e Rueschmeyer (2003, p. 6), destacam-se três características essenciais que identificam a abordagem metodológica predominante na consolidação da Sociologia Histórica: i) Preocupação com análises causais, isto é, com a identificação e explicação de causalidade na relação de condições/variáveis que produzem resultados de interesse. Em suma, é a busca pela explicação das reais causas de consequências, atentando para a presença e ausência de variáveis e mecanismos (TILLY, 2001). ii) Ênfase em processos ao longo do tempo. Isso implica levar a sério as premissas básicas do conjunto teórico (especialmente a importância da história e a dinamicidade do ambiente social), entendendo que os eventos explicados não são estáticos e fixos, mas, são processos que ocorrem no tempo e ao longo do tempo (ABBOTT, 1990; AMINZADE, 1992; PIERSON, 2000; TILLY, 1984). Torna-se fundamental, nesse ponto, a estrutura temporal e a sequência dos processos e eventos (COLLIER, 2011; MAHONEY; GRI; ISAAC, 2000). iii) Utilização sistemática de comparações. Por conta da demanda por profundidade na análise de processos e mecanismos causais, a tendência é pela comparação de um número reduzido de casos (MOORE, 1966; SKOCPOL, 1979b; TILLY, 1996).

Por fim, a orientação eclética da Sociologia Histórica também é metodológica, e “pesquisadores histórico-comparativos são, então, ecléticos em seus usos de métodos, empregando as ferramentas mais adequadas para resolver os problemas apresentados”³⁶ (MAHONEY; RUESCHMEYER, 2003, p. 12).

(H4) Desenvolvimento da Sociologia Histórica Internacional e diálogo com as Relações Internacionais.

Como visto na origem da Sociologia Histórica, a interseção com as Relações Internacionais é intrínseca ao conjunto teórico. Isso se deve ao fato de que grande parte dos problemas de interesse dos sociólogos históricos tem um caráter naturalmente internacional, que pode envolver interações entre Estados, sociedades, mercados, etc. Entretanto, mais do que essa convergência natural, um quarto caminho de produção teórica tem se desenvolvido a partir do diálogo com a disciplina de Relações Internacionais propriamente. A Sociologia Histórica Internacional ainda não é consenso entre os teóricos da área, mas já existem produtos importantes desse profícuo debate (HALLIDAY, 1999; HOBDEN, 1998, 1999; HOBSON, 1998b, 2003; LAWSON, 2006; ROSENBERG, 2006; SPRUYT, 1998).

³⁶ Tradução própria. No original: *Practicing comparative historical researchers are thus eclectic in their use of methods, employing those tools that best enable them to address problems at hand.*

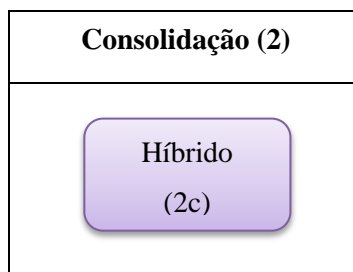
Em conformidade com as premissas básicas do conjunto teórico, uma direção básica da Sociologia Histórica nas Relações Internacionais é a crítica às perspectivas ahistóricas e associológicas das teorias de RI (HOBSON, 2002, p. 4). Assim, a Sociologia Histórica tem se apresentado como alternativa para repensar conceitos centrais para a teoria de Relações Internacionais, como o Estado (HOBSON, 1998b, 2003; KRASNER et al., 1984) e o sistema internacional (HOBDEN, 1998, 1999; SPRUYT, 1998), que tendem a ser tomados de forma estática. Por fim, uma das mais importantes guinadas da Sociologia Histórica nas Relações Internacionais está ligada e às perspectivas sobre sistemas internacionais complexos e mutáveis em termos temporais e espaciais (BUZAN; JONES; LITTLE, 1993; BUZAN; LITTLE, 2000; JERVIS, 1997)³⁷.

Dito isso, a análise metateórica da consolidação da Sociologia Histórica apresenta os seguintes elementos. Primeiramente, há um conjunto de premissas básicas, não necessariamente testáveis, que fundamentam toda a pesquisa no conjunto e não são abandonadas tampouco negadas. Isso pode ser visto como o ‘núcleo duro’ da Sociologia Histórica, remetendo à visão de Lakatos. Em segundo lugar, observam-se orientações sobre os caminhos a serem seguidos na forma de heurística, porém, de forma menos rígida do que a visão lakatosiana prevê. Isto é, são identificadas tendências teóricas e temáticas do conjunto teórico, mas a essência eclética e orientada por problemas faz com que constantemente surjam novos caminhos explicativos. Aqui, é necessária uma visão híbrida entre os elementos vinculados à Lakatos e Laudan. Finalmente, identifica-se um componente metodológico sólido. Ou seja, a preocupação com a construção do aparato metodológico é central e indispensável. O componente metodológico torna-se mais do que uma ferramenta a ser utilizada na pesquisa, elemento caro à visão laudoniana. Por fim, conclui-se que a compreensão do processo de consolidação da Sociologia Histórica envolve, necessariamente, uma visão que combine elementos vinculados às propostas de Lakatos (a) e Laudan (b). Assim, as visões de Lakatos e

³⁷ As visões de origem e consolidação utilizadas neste trabalho são baseadas fundamentalmente nas obras de Philip Abrams, Theda Skocpol e James Mahoney, e representam apenas uma parte do que pode interpretado como Sociologia Histórica. Nesse sentido, considerando as principais premissas estabelecidas, esta análise destoa de outras obras sobre Sociologia Histórica e Sociologia Histórica Internacional que colocam as teorias do sistema-mundo e da economia mundial produzidas por Immanuel Wallerstein (1974, 1979, 1980, 1989) como representações da Sociologia Histórica nas Relações Internacionais (HOBSON; HOBDEN, 2002). A divergência situa-se essencialmente no caráter estruturalista da obra de Wallerstein, que vai de encontro às premissas básicas definidas neste trabalho (principalmente P2).

Laudan, separadamente, não são suficientes para essa compreensão da consolidação (2), que só é possível, então, a partir de uma visão híbrida (c).

Quadro 5. Visão metateórica da consolidação da Sociologia Histórica



Fonte: elaborado pelo autor

2.4 EVOLUÇÃO DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA E A TESE BELICISTA

Como apresentado na seção anterior, diversas teorias específicas foram construídas com vínculo às premissas do conjunto mais amplo da Sociologia Histórica. Entre as mais importantes, estão aquelas identificadas na heurística positiva como os caminhos teóricos e temáticos de produção da pesquisa na Sociologia Histórica. Em virtude das limitações temporais e de extensão deste artigo, seria impossível analisar a evolução da Sociologia Histórica tratando de todos os caminhos teóricos apresentados. Por outro lado, uma das principais formas de analisar a evolução de conjuntos teóricos é a partir do desenvolvimento de suas teorias específicas. E é assim que a presente seção compreenderá a evolução da Sociologia Histórica, com base em uma das correntes que a constitui.

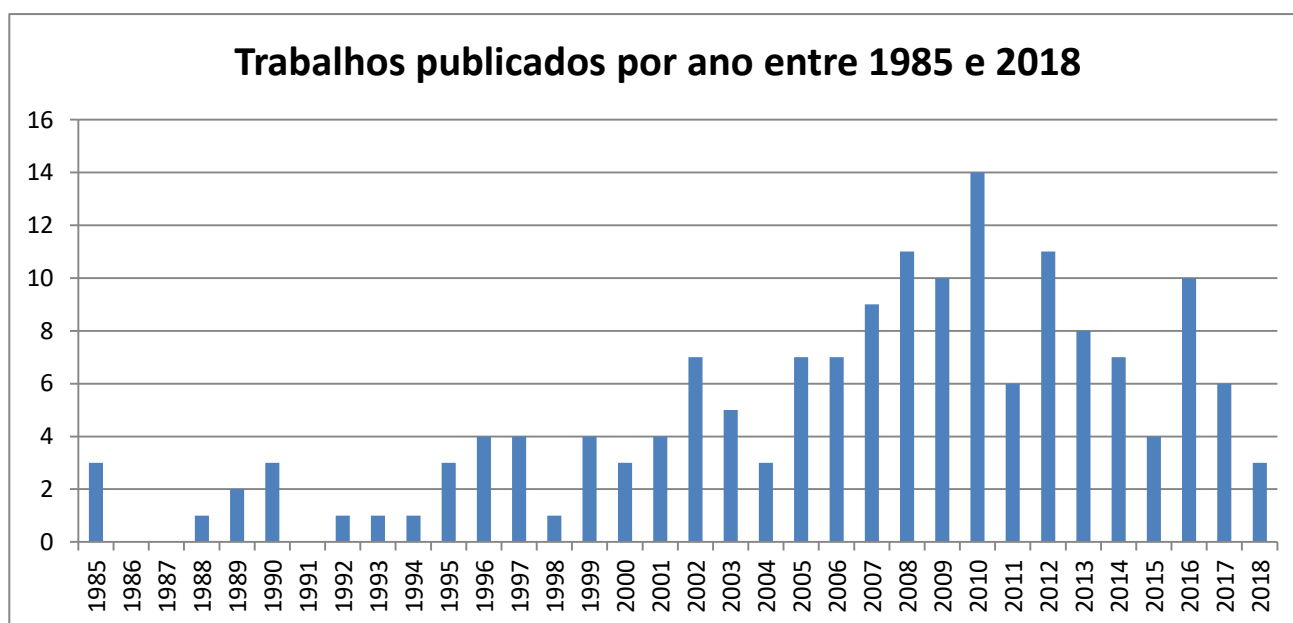
Buscou-se escolher uma abordagem que, ao mesmo tempo, mantivesse a adoção às premissas básicas da Sociologia Histórica e tangenciasse os principais caminhos da heurística positiva. Tendo isso em vista, decidiu-se pela limitação à corrente construída a partir dos estudos de Charles Tilly (1985, 1990)³⁸. A chamada “tese belicista” tem como ponto de partida a hipótese tillyana de que a profusão de guerras e conflitos armados produziu incentivos positivos e foi condição necessária para a construção e a capacitação dos Estados europeus modernos. O autor percebeu a ligação entre o

³⁸ Acredita-se que, mesmo sendo apenas uma (entre outras) das correntes desenvolvidas a partir das premissas da Sociologia Histórica, ela representa de forma suficiente a evolução do conjunto teórico mais amplo (Sociologia Histórica). Isso porque, além de adotar as premissas básicas da Sociologia Histórica, a corrente representa, em alguma medida, os principais caminhos da heurística positiva, ou seja, preocupa-se com: i) a compreensão da construção de estruturas de poder e ordem em nível do Estado; ii) a identificação de momentos de ruptura e mudanças, e a importância da violência, de guerras e revoluções; iii) a utilização do método histórico como método explicativo e o uso de estudos de caso e comparações; iv) a importância do ambiente internacional e o diálogo com as Relações Internacionais.

fenômeno da guerra e o processo de acumulação e concentração de coerção e capital no âmbito do Estado. Dessa forma, a guerra é vista como um elemento explicativo do fortalecimento e expansão do modelo de Estado nacional europeu.

A hipótese de Tilly não pretendia, em essência, generalizar o tipo de relação entre guerra e Estado encontrada na Europa para outras regiões. O próprio Tilly (1996, p. 63) já assinalava que “o fato de os estados europeus se terem formado de uma maneira determinada e em seguida terem imposto o seu poder ao resto do mundo garante que a experiência não-europeia será diferente”. Ou seja, entendia que a relação dos Estados não europeus com a guerra não necessariamente envolveria os mesmos elementos, tampouco produziria os mesmo resultados. Justamente essas diferenças na relação com a guerra e nos efeitos para a construção de capacidades experimentadas pelos Estados em outros contextos de tempo e espaço têm sido objeto de análise de diversos autores da escola belicista³⁹.

Figura 2. Trabalhos publicados por ano no escopo da Tese Belicista



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do *Google Scholar* a partir do software *Publish or Perish*.

A análise do desenvolvimento da tese belicista inicia com a apresentação (Figura 2) quantitativa dos trabalhos publicados⁴⁰ sobre a relação entre guerra e Estado no

³⁹ A escola/tese belicista será considerada de forma ampla a abordagem relacionada aos estudos de Tilly e que tratem do processo histórico de interação entre guerra e Estado.

⁴⁰ Para a seleção dos trabalhos entre os tantos que poderiam tratar de ‘guerra’ ou ‘Estado’, foram estabelecidos três critérios na estrutura de busca do Publish or Perish (ferramenta para estudos bibliométricos): 1) que todos os trabalhos tivessem as palavras “war” e “state” no título (title words),

período entre 1985 a 2018. No total, foram encontradas 163 publicações. A grande quantidade de trabalhos publicados na temática sustenta a escolha do corpo teórico para a análise da evolução da Sociologia Histórica. Decidiu-se pelo marco inicial de 1985 por ser o ano de publicação do texto “*War Making and State Making as Organized Crime*”, por Tilly⁴¹, em um momento de consolidação da Sociologia Histórica. É possível perceber um aumento na quantidade de textos publicados a partir dos anos 2000, com um mínimo de três por ano, e o ápice em 2010, com quatorze publicações.

Em um segundo momento, pré-analítico, buscou-se limitar a amostragem para a análise qualitativa. Utilizando a pesquisa anterior, a limitação foi feita a partir de um critério mínimo de 130 citações totais⁴². Dessa amostragem, estabeleceu-se um critério eliminatório de vinculação à Sociologia Histórica para assegurar que os textos representem o objetivo pretendido.⁴³ Feito isso, o resultado apresentou quinze textos⁴⁴ a serem analisados: Tilly (1985, 1990), Brewer (1989), Centeno (2002), Callahan (2005), Hui (2005), Herbst (1990), Thies (2005), Wimmer (2012), Barnett (2012), Gurr (1988), Cramer e Goodhand (2002), Rasler e Thompson (1985), Taylor e Botea (2008) e Sørensen (2001).

A análise qualitativa será apresentada a partir de diagramas de Venn (figuras 3, 4, 5, 6, 7), que permitem condensar as perspectivas de diferentes autores sobre aspectos da estrutura de teorias. Além disso, os diagramas possibilitam relações e interseções que facilitam a identificação de tendências teóricas⁴⁵.

mostrando que tratavam do tema de forma geral; 2) no campo ‘all of the words’, em que todas as palavras inseridas aparecem ao longo de todos os textos, foram inseridas as palavras “war”, “state”, “historical” e “tilly” para assegurar que os tipos de trabalhos encontrados estivessem vinculados, em alguma medida, à Sociologia Histórica e aos textos de Tilly; 3) Por fim, no campo ‘any of the words’, em que pelo menos uma das palavras inseridas aparece em todos os textos, foram selecionadas as palavras “formation”, “building” e “making” para caracterizar os processos de interesse.

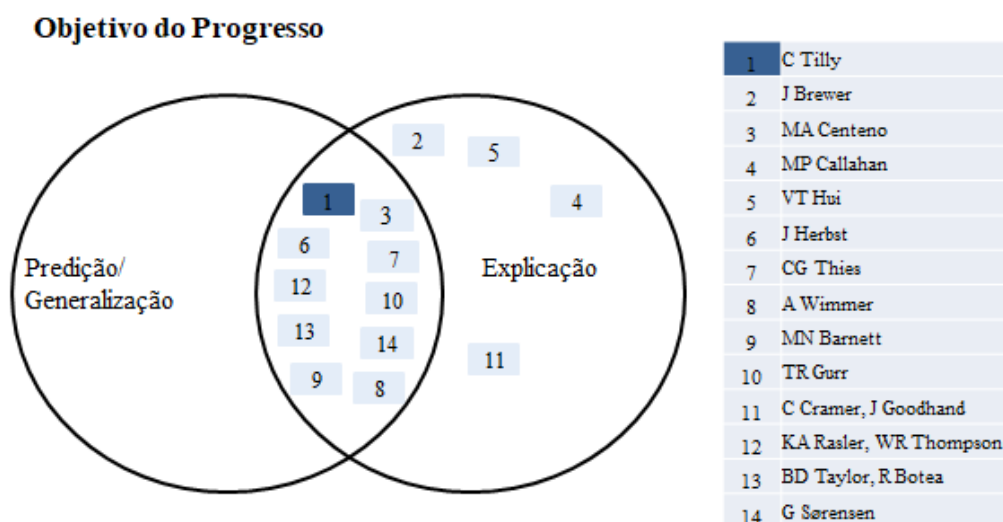
⁴¹ Tilly já havia publicado algumas reflexões em 1975 sobre a formação dos Estados na Europa ocidental. Porém, é em 1985 que ele explicita o papel da guerra e os mecanismos da relação, que seria aprofundada no livro de 1990.

⁴² O número de citações é contabilizado pelo Publish or Perish a partir do Google Scholar.

⁴³ O critério foi dividido em quatro partes: 1) referir a produção de Tilly no corpo do texto (isso já havia sido estabelecido no momento da busca, mas foi utilizado para certificação); 2) utilização das expressões “historic” e “sociology”, mesmo que separadas (muitas vezes os autores não utilizam a nomenclatura “Historical Sociology”); 3) referir o livro “*Bringing the State Back In*”, organizado por Skocpol, Evans e Rueschemeyer; 4) referir o trabalho de Michael Mann. Todos os textos deveriam, obrigatoriamente, atender as partes 1 e 2 e pelo menos uma entre 3 e 4. Os textos que não se enquadrassem, seriam desconsiderados.

⁴⁴ Entre eles, dois são de Tilly. Então, quatorze autores diferentes.

⁴⁵ O modelo de análise a partir dos diagramas de Venn foi baseado no trabalho teórico de Castellano da Silva, Mallmann e Vedovato (2019).

Figura 3. Objetivo do progresso teórico na Tese Belicista

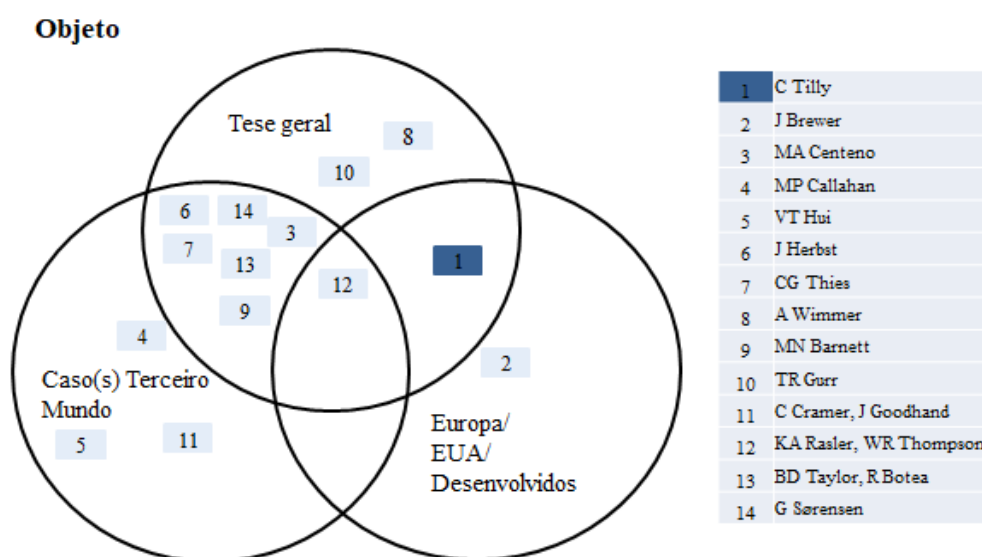
Fonte: Elaborado pelo autor

O primeiro aspecto considerado é o objetivo do progresso teórico, que é um elemento central para as avaliações metateóricas, pois indica, em um sentido epistemológico, a visão de ciência e a relação da teoria com os fatos e processos analisados. Os objetivos do progresso, então, podem ser de: (i) predição de fatos novos e generalização, e (ii) explicação de processos ainda não explicados ou explicados de forma diferente. Percebe-se que, como padrão, que todos os autores são guiados por algum objetivo explicativo e, consequentemente, nenhum deles objetiva puramente a predição. Isso denota que a evolução teórica, nesse caso, é fundada na identificação de problemas a serem resolvidos ou na explicação alternativa de problemas já tratados. Por outro lado, cerca de 70% dos autores (10/14) apresentam objetivos de predição ou generalização a partir das explicações. A frase mais famosa de Tilly, por exemplo, “a guerra fez os Estados, e vice-versa”, possui uma conotação generalizante e preditiva⁴⁶. E essa tem sido a característica da maior parte dos autores posteriores, que, ao produzirem explicações localizadas, também objetivam generalizar e predizer em algum grau. As generalizações/predições têm sido baseadas sobretudo em: tipos de relação entre variáveis, como em Centeno que, ao explicar os Estados limitados na América

⁴⁶Mesmo que isso tenha produzido, muitas vezes, um entendimento de que, para ele, a guerra sempre iria levar ao fortalecimento e expansão do Estado e que todos os Estados surgiram a partir da guerra, mesmo que, como mostrado, essa não tenha sido necessariamente sua ideia. Porém, a ciência, ao fim e ao cabo, é feita por seres humanos, e seres humanos produzem interpretações, fazem escolhas e possuem interesses.

Latina, aponta que as guerras limitadas produzem, em geral, Estados limitados (CENTENO, 2002, p. 23) e; grupos de atores (Estados), por regiões ou outro critério aglutinador. Para Herbst (1990) a explicação para a fraqueza dos Estados africanos também envolve a predição de que “difícilmente os Estados africanos, ou muitos outros do Terceiro Mundo, irão encontrar caminhos pacíficos de fortalecimento e construção de identidades nacionais” (HERBST, 1990, p. 138).

Figura 4. Objetos de análise principais



Fonte: Elaborado pelo autor

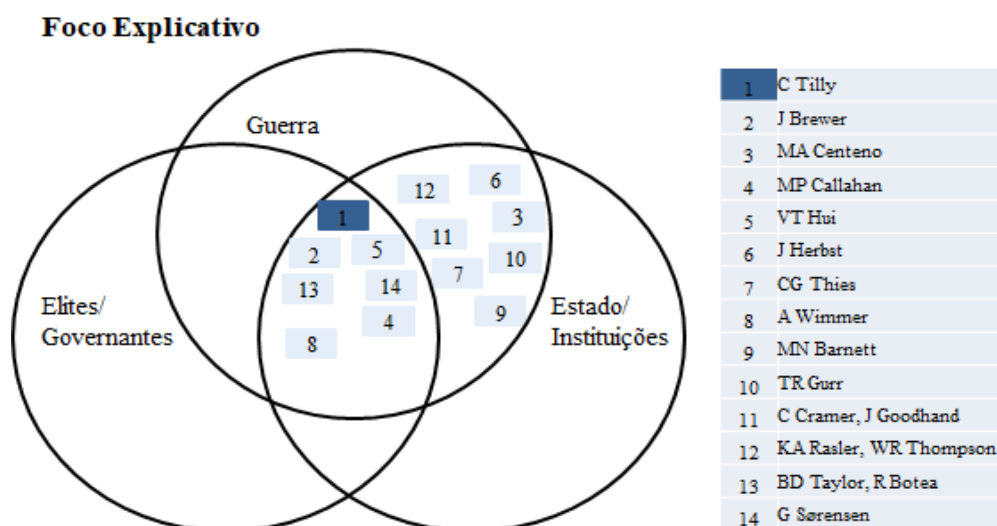
Na sequência, são apresentados os objetos de análise entre os principais textos da tese belicista. Os objetos são divididos em: (i) tese geral; (ii) caso(s) do Terceiro Mundo⁴⁷ e; (iii) caso(s) da Europa Ocidental, EUA e outros Estados desenvolvidos⁴⁸. Aqui, percebem-se dois padrões interessantes. Por um lado, o caráter explicativo do objetivo do progresso, que incluiu todos os autores, faz com que a maior parte (10/14) esteja focada em casos do Terceiro Mundo, justamente aqueles não explicados pela tese original de Tilly. De forma mais específica, os casos do Terceiro Mundo trataram de América Latina (Centeno, Thies), China (Hui), África (Herbst), Egito e Israel (Barnett), Afeganistão (Cramer e Goodhand, Taylor e Botea) e Vietnã (Taylor e Botea). Por outro lado, todos os que foram enquadrados com algum grau de predição/generalização agora estão inclusos no conjunto da tese geral. Isso é relativamente óbvio, mas mostra que para produzir predições/generalizações, os autores necessariamente tiveram que

⁴⁷ Entendidos como todos não pertencentes a (iii).

⁴⁸ Inclui basicamente Japão, Canadá e Austrália.

trabalhar a tese geral, isto é, pensar teoricamente os fundamentos e as relações mais amplas entre guerra e Estado, podendo envolver modificações e inclusões (de variáveis, condições, tipos de relação, etc.).

Figura 5. Principais focos e variáveis explicativas



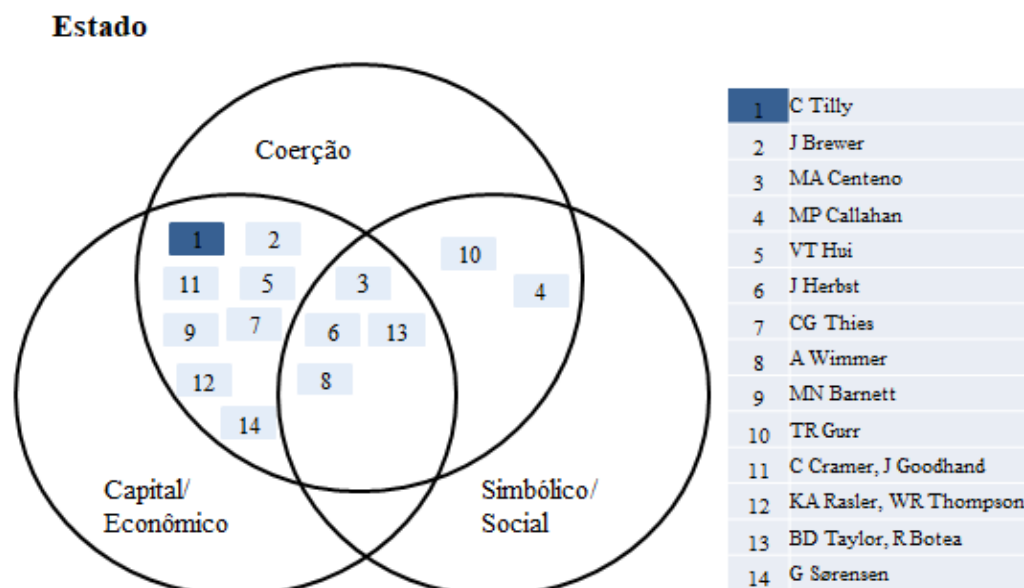
Fonte: Elaborado pelo autor

Com relação aos principais focos das explicações produzidas, como era de se esperar, todos eles tratam de guerra e do Estado/instituições estatais. Mas os pesos explicativos específicos variam. Entre os que colocam peso maior na guerra, lhes interessa os tipos e características da guerra. Centeno (2002) acredita que, entre outros fatores, o caráter limitado da guerra limita, por sua vez, o fortalecimento dos Estados. De forma relacionada, para Rasler e Thompson (1985, p. 491), quanto mais intensa (guerras globais) for a guerra, mais permanentes tendem a ser seus resultados, ou seja, o que importa não é a guerra em si, mas sua intensidade. Por outro lado, Thies (2005, p. 451) aponta que a guerra de fato não é necessária para que os efeitos sejam produzidos no Estado, e que o foco deveria ser mais amplo na rivalidade (interestatal e intraestatal). Alguns, no entanto, destacam⁴⁹ também o papel de atores em um nível mais micro, como as elites e os governantes. Importam, então, aspectos domésticos e de liderança (SØRENSEN, 2001, p. 349), além das respostas dadas pelas elites governantes em forma de reformas no nível das instituições estatais, que podem ser auto fortalecedoras ou enfraquecedoras (HUI, 2005). É interessante notar que, ao contrário do neorrealismo

⁴⁹ Ou, pelo menos, de forma mais explícita.

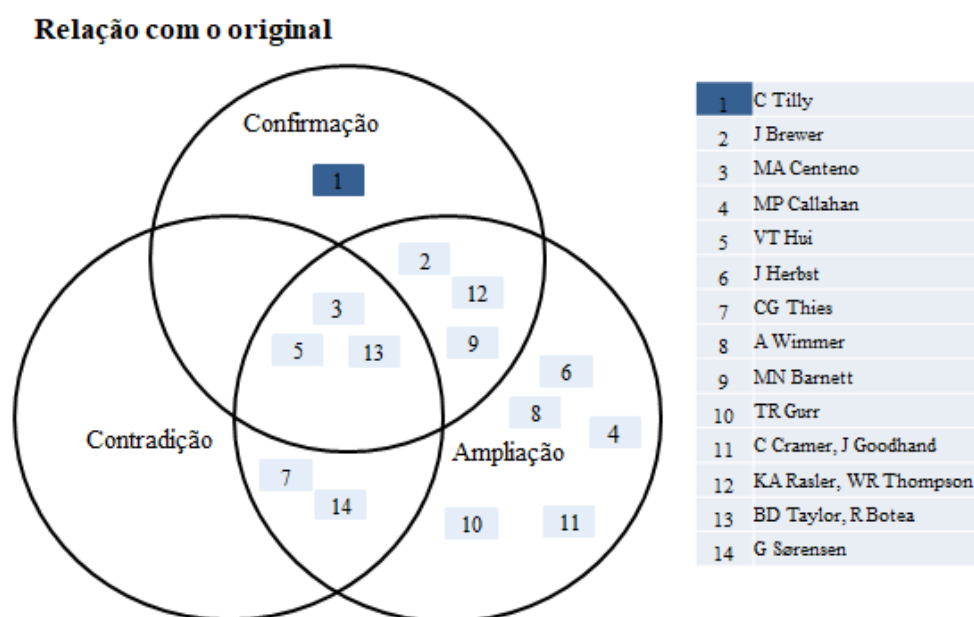
(WALTZ, 1959, 1979), todos os autores atribuem importância causal, pelo menos, a segunda e terceira imagens.

Figura 6. Principais esferas do Estado



Fonte: Elaborado pelo autor

No que se refere ao Estado, identificam-se três esferas de capacidades cruciais para a sua consolidação: (i) coerção; (ii) capital/econômico e; (iii) simbólica/social. A maior tendência, desde Tilly (1985), têm sido o foco nas esferas da coerção e do capital. Percebe-se, ainda, que todos os autores discutem, em alguma medida, a esfera coercitiva, seja como requisito para a disputa da guerra, como resultado da construção do Estado ou como forma de relação com a sociedade (GURR, 1988). Como forma de mensurar o Estado, os autores tendem a debruçar-se sobre a esfera econômica, sendo a capacidade taxativa e os níveis de receita duas das mais recorrentes variáveis. Nesse sentido, são importantes tanto a quantidade de recursos e o índice de taxaço (BREWER, 1989; HUI, 2005; RASLER; THOMPSON, 1985; THIES, 2005) quanto o tipo e origem dos recursos estatais (CENTENO, 2002; HERBST, 1990). A expansão teórica levou à consideração, por cerca de 40% dos autores (6/14), de aspectos ligados à esfera simbólica. Nesse ponto incluem-se elementos ligados à coesão identitária e à construção da nação como resultados do fortalecimento do Estado (CENTENO, 2002; HERBST, 1990; WIMMER, 2012) ou como variáveis fortemente explicativas do fortalecimento ou enfraquecimento do Estado a partir da guerra (TAYLOR; BOTEÁ, 2008).

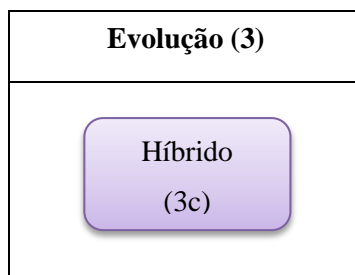
Figura 7. Tipo de relação desenvolvida com a tese original

Fonte: Elaborado pelo autor

Por fim, se entendermos que a tese original (TILLY, 1985, 1990) vê a guerra como mecanismo/condição de fortalecimento e expansão do Estado, tendo como objeto o caso europeu e com foco nas esferas de coerção e capital, fica claro que a evolução teórica produziu distintos padrões de relação entre as conclusões originais e as posteriores. O caráter percebido de evolução a partir da resolução de problemas, e não de uma filiação com o objetivo de puramente alargar o alcance da tese original com teste e confirmação, faz com que todos os autores, posteriormente a Tilly, promovam algum tipo de ampliação explicativa, mesmo quando as conclusões confirmar a tese original (guerra e fortalecimento do Estado). As ampliações teóricas ocorreram de diversas maneiras, com a inclusão de variáveis – guerras intraestatais (CALLAHAN, 2005), intensidade da guerra (CENTENO, 2002; RASLER; THOMPSON, 1985), rivalidades (THIES, 2005), tipos de reforma (HUI, 2005), revoluções (GURR, 1988; TAYLOR; BOTEÁ, 2008), coesão étnica (TAYLOR; BOTEÁ, 2008), legitimidade (CALLAHAN, 2005; WIMMER, 2012), etc. -, a reinterpretção de relações – relações Estado-Sociedade também como causa das guerras (WIMMER, 2012) -, e a modificação de modelos causais. Isso implica uma relação íntima entre a ampliação empírica, expansão temporal e espacial dos casos explicados, e a ampliação teórica, modificação das explicações.

Dito isso, análise metateórica da evolução da Sociologia Histórica a partir da tese belicista apresenta os seguintes componentes. Primeiro, a aceitação das premissas básicas da Sociologia Histórica, ou seja, os autores vão ao encontro dos pressupostos mais básicos da consolidação. Segundo, a evolução a partir da resolução de problemas identificados, teóricos e empíricos, e não do aprimoramento e expansão da unanimidade de um modelo original. Nesse ponto, sim, ocorrem modificações e inclusões de variáveis e condições. Terceiro, o foco na ampliação da capacidade explicativa e na produção de explicações que permitam generalizações e previsões. Quarto, a evolução não é cumulativa, isto é, não necessariamente inclui todo o conteúdo produzido por explicações anteriores. Sendo assim, conclui-se que, para a compreensão da evolução da Sociologia Histórica, é necessária uma visão metateórica híbrida entre as propostas de Lakatos e Laudan e que, separadamente, elas não são suficientes. Lakatos, por exemplo, dá conta do componente (i), de aceitação das premissas básicas, e parcialmente do componente (iii), relacionado à construção de previsões e generalizações empíricas. Por outro lado, é necessária uma visão laudanianiana para compreender parcialmente o componente (iii), sobre o foco nas explicações, e totalmente os pontos (ii), de evolução a partir de problemas teóricos e empíricos, e (iv), de evolução não cumulativa.

Quadro 6. Visão metateórica da evolução da Sociologia Histórica



Fonte: elaborado pelo autor

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas Relações Internacionais contemporâneas, verifica-se uma rigidez com relação à produção de análises metateóricas. Nesse sentido, as poucas aplicações de metateorias na disciplina tendem a utilizar apenas uma visão metateórica, escolhida *a priori*. Isso, por sua vez, limita a compreensão sobre a estrutura teórica de muitas teorias que não se encaixam na visão metateórica. Parecem ser necessárias, então, propostas que comparem e combinem visões metateóricas.

Sendo assim, o artigo propôs uma análise metateórica da Sociologia Histórica, compreendendo-a como um conjunto teórico a partir das dimensões de origem, consolidação e evolução. Para tanto, recorreu às visões metateóricas propostas por Imre Lakatos (1970a) e Larry Laudan (1977). Partiu-se da hipótese de que o conjunto teórico da Sociologia Histórica se estruturou de forma híbrida em relação às visões/propostas de Lakatos (1970a) e Laudan (1977) sobre origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos.

Na primeira seção, foram apresentadas as visões metateóricas de Lakatos e Laudan sobre a origem, consolidação e evolução de conjuntos teóricos. Em um segundo momento, propôs-se a existência de três caminhos possíveis para o hibridismo metateórico: *inter-composição*, *intra-composição* e *inter-intra-composição*. Na *inter-composição*, as visões dos autores sobre cada uma das dimensões teóricas (origem, consolidação e evolução) permanecem separadas, e o resultado, em cada uma das dimensões, é a visão de Lakatos (a) ou de Laudan (b). No caso da *intra-composição*, o grupo de elementos⁵⁰ para a análise de cada uma das dimensões teóricas (origem, consolidação e evolução) é constituído a partir da combinação dos elementos associados às visões de Lakatos (a) e Laudan (b) sobre cada uma das dimensões. Em outras palavras, é criado um novo grupo, híbrido (c), que mescla as duas visões. Por fim, a *inter-intra-composição*, como o nome já sugere, é uma junção das duas anteriores. Mantém, da *inter-composição*, o fato de que as visões sobre cada uma das dimensões teóricas permanecem separadas. Mas importa, da *intra-composição*, a visão híbrida (c), que passa a ser uma das possibilidades.

Na segunda seção, foram descritos e analisados os processos de origem e consolidação do conjunto teórico da Sociologia Histórica. Com relação à origem, entende-se que a visão de Laudan (b) compreende de forma mais adequada essa dimensão da Sociologia Histórica. No caso da origem, então, a visão laudaniana é necessária e suficiente, e a visão de Lakatos não é necessária nem suficiente. Referente à consolidação, a análise sugere que o processo de consolidação da Sociologia Histórica envolve, necessariamente, uma visão que combine elementos vinculados às propostas de Lakatos (a) e Laudan (b). Assim, as visões de Lakatos e Laudan, separadamente, não são suficientes, mas são necessárias, para a compreensão da consolidação (2), que só é possível, então, a partir de uma visão híbrida (c), necessária e suficiente.

⁵⁰ Nessa explicação, “grupo de elementos” e “visão” têm o mesmo sentido.

Já a terceira seção analisou o processo de evolução da Sociologia Histórica, a partir do desenvolvimento de uma de suas principais correntes teóricas: tese belicista. Entendeu-se que, para a compreensão da evolução da Sociologia Histórica, é necessária uma visão metateórica híbrida entre as propostas de Lakatos e Laudan e que, separadamente, elas não são suficientes. O resultado final está representado no quadro 7.

Quadro 7. Resultado da análise metateórica da Sociologia Histórica

	Origem (1)	Consolidação (2)	Evolução (3)	Resultado/ Variante
Caminho III: Inter-Intra- Composição	Laudan (1b)	Híbrido (2c)	Híbrido (3c)	1b2c3c

Fonte: Elaborado pelo autor

Por fim, conclui-se que a hipótese proposta é parcialmente corroborada. A análise mostra que, conforme proposto, é necessária uma visão híbrida entre as propostas de Lakatos e Laudan para a compreensão da totalidade do conjunto teórico da Sociologia Histórica⁵¹. Como resultado, tem-se que o caminho de hibridismo metateórico que compreende o conjunto teórico da Sociologia Histórica de forma mais adequada é o de *inter-intra-composição* e a variante resultante é 1b2c3c. Porém, ao propor-se a análise do conjunto teórico a partir de três dimensões (origem, consolidação e evolução), constatou-se que, em uma delas (origem), a visão de apenas um dos autores é suficiente (Laudan).

Isso implica que, para análises metateóricas futuras, é importante ter em mente que uma visão metateórica rígida dificilmente compreenderá a totalidade de conjuntos teóricos cada vez mais complexos, e que as possibilidades apresentadas pelo hibridismo metateórico podem incrementar consideravelmente nossa capacidade de compreensão e análise de teorias e a clareza com relação a componentes e estruturas.

⁵¹ Isso significa que, separadamente, nenhuma das visões possibilitaria a compreensão da totalidade do conjunto teórico da Sociologia Histórica

3 CONCLUSÃO: POTENCIAIS, LIMITAÇÕES E PERSPECTIVAS PARA UMA AGENDA DE PESQUISA

O artigo que compõe esta monografia objetivou compreender a estrutura teórica da Sociologia Histórica, analisando-a como um conjunto teórico a partir das dimensões de origem, consolidação e evolução. Para tanto, foram utilizadas as visões metateóricas propostas por Imre Lakatos (1970a) e Larry Laudan (1977). Sugeriu-se que o conjunto teórico da Sociologia Histórica se desenvolveu de forma híbrida com relação às propostas de Lakatos e Laudan e, nesse sentido, foram propostos três caminhos possíveis de hibridismo: *inter-composição*, *intra-composição* e *inter-intra-composição*. Por fim, concluiu-se que o caminho de hibridismo metateórico de inter-intra-composição é o mais adequado para compreender o conjunto teórico da Sociologia Histórica. Em resumo, entendeu-se que a Sociologia Histórica é representada pela variante 1b2c3c, sendo que sua origem é laudaniana (b), e sua consolidação e evolução são híbridas (c).

Dito isso, nesta terceira parte, o estudo irá: a) discutir a importância da continuidade de pesquisas que vinculem teoria e metateoria; b) indicar as contribuições e implicações decorrentes do trabalho; c) apontar as principais limitações da análise; d) sugerir possíveis trajetórias de continuação da agenda de pesquisa.

Em primeiro lugar, entende-se que a continuidade de pesquisas acadêmicas que vinculem análises teóricas e metateóricas será cada vez mais importante para incrementar a capacidade de produção de conhecimento científico no âmbito das Ciências Sociais e das Relações Internacionais. As RI têm sido marcadas por uma profusão de abordagens teóricas, sejam vinculadas aos grandes conjuntos teóricos tradicionais (SMITH, 1987; WALT, 1998) ou como alternativas às suas limitações (HALLIDAY, 1999; JACKSON; NEXON, 2009; LAKE, 2013). Entre outros objetivos, essas propostas alternativas dão voz a grupos e atores anteriormente negligenciados e buscam expandir o alcance e a variedade do temas e padrões de explicação.

Entretanto, isso não acontece sem contradições, relacionadas especialmente à (falta de) clareza e robustez metodológica e às dificuldades de inserção em um ambiente fortemente polarizado teoricamente. Nesses pontos podem residir as principais riquezas do emprego sistemático de visões metateóricas, devido ao seu duplo propósito: por um lado, promove a avaliação constante das teorias e conjuntos teóricos, possibilitando comparações que ilustrem as fraquezas e dificuldades a serem trabalhadas; e por outro,

em um sentido normativo, incentiva a reflexão sobre os propósitos da produção científica e sobre os tipos de ciência desejados, que pode envolver problematizações sobre a representatividade e a inclusão teórica.

Com relação às implicações teóricas do artigo, acredita-se que, resumidamente, o trabalho produziu incentivos positivos para o debate teórico de Relações Internacionais em dois sentidos principais e em outros dois de forma secundária. Primeiramente, o trabalho atenuou a rigidez metateórica visualizada e levou a cabo uma proposta de complementariedade entre metateorias, algo pouco desenvolvido e com grande potencial analítico. Até então, o uso de comparações entre metateorias servia apenas para justificar a escolha de uma em detrimento de outra (ELMAN; ELMAN, 2002; VASQUEZ, 1997), e apenas o estudo de James (1993) explorou de forma breve a complementação. Apesar de este ser um esforço inicial, entender que diferentes visões metateóricas podem compreender de forma parcial as dimensões de conjuntos teóricos (origem, consolidação e evolução) e que existem caminhos para o hibridismo metateórico é fundamental para que nossas análises sejam mais fiéis e explicativas do desenvolvimento de teorias, e para que as metateorias deixem de ser utilizadas como legitimadoras da progressividade de teorias específicas. Além disso, essa condição permite que se amplie o leque de conjuntos teóricos considerados em avaliações metateóricas, incluindo aqueles que, à primeira vista, não se encaixem nas caixas prontas das metateorias.

Segundo, o trabalho produziu uma compreensão inédita sobre o conjunto teórico da Sociologia Histórica. Mesmo que não se tenha reinventado a roda com relação ao conteúdo da descrição da Sociologia Histórica, a estrutura em que o conteúdo dos processos de construção e desenvolvimento foi organizado, com a separação em diferentes dimensões, permite a identificação com clareza de tendências e de caminhos mais ou menos desenvolvidos. Por fim, secundariamente, espera-se ter mostrado as possibilidades e potenciais da utilização mais ampla da Sociologia Histórica nas Relações Internacionais e ter exposto as trajetórias teóricas (e os gaps explicativos) de uma das correntes da Sociologia Histórica que mais diretamente dialoga com as RI (tese belicista).

Por outro lado, é possível identificar algumas limitações da análise proposta neste artigo, decorrentes tanto de limitações de tempo, espaço e escopo do artigo, quanto da relativa complexidade temática e de limitações de ordem cognitiva. Destacam-se três. Primeiramente, a comparação, mesmo justificada, envolveu apenas

duas visões metateóricas entre as diversas existentes. Em segundo lugar, os elementos componentes do formato híbrido (c) não foram definidos a priori e foram, neste artigo inicial, estabelecidos de forma intuitiva especificamente para o caso da Sociologia Histórica, o que pode limitar a capacidade de aplicação direta do modelo, demandando algumas redefinições. Finalmente, a evolução da Sociologia Histórica foi compreendida a partir de uma de suas correntes específicas, o que é, por mais que suficiente para o escopo pretendido, uma condição naturalmente limitadora.

A partir dessas constatações e buscando expandir esse debate, sugerem-se caminhos possíveis para a agenda de pesquisa resultante do trabalho. Um deles buscaria identificar as possibilidades de hibridismo analítico entre as visões de Lakatos e/ou Laudan e outras, como as de Kuhn (1962, 1979), Popper (1959, 1989) ou Feyerabend (1975). Outro caminho envolveria a análise de outros conjuntos teóricos na esfera das Relações Internacionais a partir do modelo produzido neste artigo, compreendendo se a Sociologia Histórica é um caso excepcional de desenvolvimento híbrido em relação às metateorias ou se esse padrão é recorrente (o que abriria um campo imenso de aplicação metateórica). Por fim, e talvez mais interessante em termos de produção de impacto, uma continuação deste trabalho incluindo nas análises metateóricas, para além da descrição e da identificação da variante que compreende o desenvolvimento do conjunto teórico em questão, componentes que permitam testar a progressividade teórica. Isso possibilitaria, por exemplo, a comparação entre padrões epistemológicos e seus impactos na produtividade dos conjuntos teóricos ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, A. Conceptions of time and events in social science methods: Causal and narrative approaches. **Historical Methods**, v. 23, n. 4, p. 140–150, 1990.
- ABBOTT, A. History and Sociology: The Lost Synthesis. **Social Science History**, v. 15, n. 2, p. 201–238, 1991.
- ABRAMS, P. **Historical Sociology**. New York: Cornell University Press, 1982.
- AMINZADE, R. Historical Sociology and Time. **Sociological Methods & Research**, v. 20, n. 4, p. 456–480, 30 maio 1992.
- BALDWIN, D. A. (ED.). **Neorealism and neoliberalism : the contemporary debate**. New York: Columbia University Press, 1993.
- BARNETT, M. N. **Confronting the Costs of War**. [s.l: s.n.].
- BHAMBRA, G. K. Historical sociology, international relations and connected histories. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 23, n. 1, p. 127–143, 2010.
- BORBA, P. DOS S. **Sociologia histórica como teoria política: a formação dos Estados modernos na Europa e na América Latina**. Dissertação de Mestrado (PPG Programa de Pós-graduação em Ciência Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: IESP/UERJ, 2014.
- BOURDIEU, P. **Sociology in question**. London: Thousand Oaks, 1993.
- BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRADLEY, R. Review. Explorations in Economic Methodology: from Lakatos to Empirical Philosophy of Science. R Backhouse. **The British Journal for the Philosophy of Science**, v. 50, n. 2, p. 316–318, 1 jun. 1999.
- BREWER, J. **The Sinews of Power: War, Money, and the English State, 1688-1783**. London: Unwin Hyman, 1989.
- BUNGE, M. **Philosophy of Science: from problem to theory**. New Brunswick: Transaction, 1998.
- BUZAN, B.; JONES, C. A.; LITTLE, R. **The Logic of Anarchy: Neorealism to Structural Realism**. New York: Columbia University Press, 1993.
- BUZAN, B.; LITTLE, R. **International systems in world history - remaking the study of international relations**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- CALLAHAN, M. P. **Making enemies: War and State Building in Burma**. Ithaca: Cornell University Press, 2005.

- CASTELLANO DA SILVA, I.; MALLMANN, A. L.; VEDOVATO, A. L. Seizing Orders Through Bridges: International Orders and Theoretical Traditions. **Submetido à publicação**, 2019.
- CENTENO, M. A. **War and the Nation-State in Latin America**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2002.
- CEPIK, M. A. C. Sociologia das Revoluções Modernas: Uma Revisão da Literatura Norte-Americana. **BIB, Rio de Janeiro**, n. 42, p. 59–107, 1996.
- COLLIER, D. Understanding process tracing. **PS - Political Science and Politics**, v. 44, n. 4, p. 823–830, 2011.
- DICICCO, J. M.; LEVY, J. S. The Power Transition Research Program: A Lakatosian Analysis. In: ELMAN, C.; ELMAN, M. F. (Eds.). . **Progress in International Relations Theory: Appraising the Field**. Cambridge: MIT Press, 2003.
- ELMAN, C.; ELMAN, M. Lessons from Lakatos. In: ELMAN, C.; ELMAN, M. (Eds.). . **Progress in International Relations Theory: Appraising the Field**. Cambridge: MIT Press, 2003a.
- ELMAN, C.; ELMAN, M. F. How Not to Be Lakatos Intolerant : Appraising Progress in IR Research. **International Studies Quarterly**, v. 46, n. 2, p. 231–262, 2002.
- ELMAN, C.; ELMAN, M. F. **Progress in International Relations Theory: Appraising the Field**. Cambridge: MIT Press, 2003b.
- EVANS, P. **Embedded Autonomy. States and Industrial Transformation**. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- FAY, B. Theory and Metatheory in Social Science—or, Why the Philosophy of Social Science Is So Hard. **Metaphilosophy**, v. 16, n. 2–3, p. 150–165, 1985.
- FEYERABEND, P. **Against Method: Outline of an Anarchistic Theory of Knowledge**. New York: New Left Books, 1975.
- FREIRE, L. G. The potential and the pitfalls of metatheory in IR. **Estudos Internacionais**, v. 1, n. 2, p. 271–302, 2013.
- GEDDES, B. **Politician's Dilemma: Building State Capacity in Latin America (California Series on Social Choice and Political Economy, No.25)**. [s.l.] University of California Press, 1996.
- GHOLSON, B.; BARKER, P. Kuhn, Lakatos, and Laudan. Applications in the History of Physics and Psychology. **American Psychologist**, v. 40, n. 7, p. 755–769, 1985.
- GIDDENS, A. **Central problems in social theory: action, struture and**

- condtradiction in social analysis**. Berkeley: University of California Press, 1979.
- GIDDENS, A. **The nation-state and violence**. Berkeley: University of California Press, 1985.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- GOODHAND, J.; CRAMER, C. Try Again, Fail Again, Fail Better? War, the State, and the “Post-Conflict” Challenge in Afghanistan. **Development and Change**, v. 33, n. 5, p. 885–909, 2002.
- GRAYLING, A. C. Epistemology. In: BUNNIN, N.; TSUI-JAMES, E. P. (Eds.). . **The Blackwell Companion to Philosophy**. Hoboken: Blackwell Publishers, 1996.
- GURR, T. R. War, revolution, and the growth of the coercive state. **Comparative Political Studies**, v. 21, n. 1, p. 45–65, 1988.
- HALLIDAY, F. **Repensando as Relações Internacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- HERBST, J. War and the State in Africa. **International Security**, v. 14, n. 4, p. 117–139, 1990.
- HOBDEN, S. **International relations and historical sociology : breaking down boundaries**. London: Routledge, 1998.
- HOBDEN, S. Theorising the international system: Perspectives from historical sociology. **Review of International Studies**, v. 25, n. 2, p. 257–271, 1999.
- HOBSON, J. M. Debate: The ‘second wave’ of weberian historical sociology - the historical sociology of the state and the state of historical sociology in international relations. **Review of International Political Economy**, v. 5, n. 2, p. 284–320, 1998a.
- HOBSON, J. M. The Historical Sociology of the State and the State of Historical Sociology in International Relations. **Review of International Political Economy**, v. 5, n. 2, p. 284–320, 1998b.
- HOBSON, J. M. What’s at stake in “bringing historical sociology back into international relations”?: Transcending “chronofetishism” and “tempo centrism” in international relations. In: **Historical Sociology of International Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 3–41.
- HOBSON, J. M. **The State and International Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOBSON, J. M.; HOBDEN, S. **Historical Sociology of International Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HUDSON, V. M. Foreign Policy Analysis: Actor-Specific Theory and the Ground of

- International Relations. **Foreign Policy Analysis**, v. 1, n. 1, p. 1–30, 2005.
- HUI, V. T. **War and State Formation in Ancient China and Early Modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- HUNTINGTON, S. P. **Political Order in Changing Societies**. New Haven: Yale University Press, 1968.
- JACKSON, P. T.; NEXON, D. H. Paradigmatic faults in international-relations theory. **International Studies Quarterly**, v. 53, n. 4, p. 907–930, 2009.
- JACKSON, R.; SØRENSEN, G. **Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens**. 1.ed. ed. tradução Bárbara Duarte, Carlos Alberto Medeiros; revisão técnica Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- JAMES, P. Neorealism as a Research Enterprise: Toward Elaborated Structural Realism. **International Political Science Review**, v. 14, n. 2, p. 123–148, 1993.
- JERVIS, R. **System effects: complexity in political and social life**. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- JERVIS, R. Realism, Neorealism, and Cooperation: Understanding the Debate. **International Security**, v. 24, p. 42–63, 2003.
- KEOHANE, R. O. Theory of World Politics: Structural Realism and Beyond. In: KEOHANE, R. O. (Ed.). . **Realism and its critics**. New York: Columbia University Press, 1986.
- KEOHANE, R. O. International Institutions: Two Approaches. **International Studies Quarterly**, v. 32, n. 4, p. 379, 1988.
- KEOHANE, R. O.; MARTIN, L. L. Institutional Theory as a Research Program. In: ELMAN, C.; ELMAN, M. (Eds.). . **Progress in International Relations Theory: Appraising the Field Appraising the Field**. Cambridge: MIT Press, 2003.
- KJÆR, M.; HANSEN, O. H. Conceptualizing State Capacity. **DEMSTAR Research Report No. 6**, n. 6, 2002.
- KRASNER, S. D. et al. Approaches to the State: Alternative Conceptions and Historical Dynamics. **Comparative Politics**, v. 16, n. 2, p. 223, 1984.
- KRASNER, S. D. Toward Understanding in International Relations. **International Studies Quarterly**, v. 29, n. 2, p. 137, 1985.
- KRATOCHWIL, F. History, action and identity: Revisiting the “second” great debate and assessing its importance for social theory. **European Journal of International Relations**, v. 12, n. 1, p. 5–29, mar. 2006.
- KUHN, T. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: Chicago University

Press, 1962.

KUHN, T. Lógica da Descoberta ou Psicologia da Pesquisa? In: MUSGRAVE, A.; LAKATOS, I. (Eds.). . **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Editora Cultrix da USP, 1979. p. 5–32.

LACHMANN, R. **What is Historical Sociology**. Cambridge: Polity Press, 2013.

LAKATOS, I. Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Eds.). . **Criticism and the Growth of Knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970a.

LAKATOS, I. Replies to Critics. **PSA: Proceedings of the Biennial Meeting of the Philosophy of Science Association**, v. 1970, p. 174–182, 1970b.

LAKATOS, I. O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Eds.). . **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p. 109–243.

LAKE, D. A. Why “isms” Are Evil: Theory, Epistemology, and Academic Sects as Impediments to Understanding and Progress. **International Studies Quarterly**, v. 55, p. 465–480, 2011.

LAKE, D. A. Theory is dead, long live theory: The end of the Great Debates and the rise of eclecticism in International Relations. **European Journal of International Relations**, v. 19, n. 3, p. 567–587, set. 2013.

LAPID, Y. The Third Debate: On the Prospects of International Theory in a Post-Positivist Era. **International Studies Quarterly**, v. 33, n. 3, p. 235, set. 1989.

LAUDAN, L. **Progress and its problems: Toward a theory of scientific growth**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1977.

LAUDAN, L. et al. Mudança científica: modelos filosóficos e pesquisa histórica. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 7, 1993.

LAUDAN, L. **O Progresso e seus Problemas: Rumo a uma Teoria do Crescimento Científico**. Tradução Roberto Leal Ferreira. - São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LAWSON, G. The promise of historical sociology in international relations. **International Studies Review**, v. 8, n. 3, p. 397–423, 2006.

LAWSON, G. Historical sociology in international relations: Open society, research programme and vocation. **International Politics**, v. 44, n. 4, p. 343–368, 2007.

LEMKE, D. **Regions of War and Peace**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

- LEVEY, G. B. Theory Choice and the Comparison of Rival Theoretical Perspectives in Political Sociology. **Philosophy of the Social Sciences**, v. 26, n. 1, p. 26–60, 1996.
- LEVY, J. S. Prospect Theory and International Relations: Theoretical Applications and Analytical Problems. **Political Psychology**, v. 13, n. 2, p. 283, 1992.
- MAHONEY, J. On the second wave of historical sociology, 1970s-present. **International Journal of Comparative Sociology**, v. 47, n. 5, p. 371–377, 2006.
- MAHONEY, J.; GRI, L.; ISAAC, L. Path dependence in historical sociology. p. 507–548, 2000.
- MAHONEY, J.; RUESCHMEYER, D. **Comparative Historical Analysis in the Social Sciences**. New York: Cambridge University Press, 2003.
- MAHONEY, J.; THELEN, K. **Advances in Comparative-Historical Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. v. 53
- MANN, M. The autonomous power of the state : its origins , mechanisms and results. **European Journal of Sociology**, v. 25, n. 2, p. 185–213, 1984.
- MARTIN, L. L.; SIMMONS, B. A. Theories and Empirical Studies of International Institutions. **International Organization**, v. 52, n. 4, p. 729–757, 1998.
- MENDES, F. P. **Lakatos, o Realismo Ofensivo e o Programa de Pesquisa Científico do Realismo Estrutural**. Tese submetida ao Programa de Pós- Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da USP, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- MERCER, J. **Rationality and psychology in international politics**. [s.l: s.n.]. v. 59
- MIGDAL, J. **Strong Societies and Weak States: State-Society Relations and State Capabilities in the Third World**. Princeton: Princeton University Press, 1988.
- MILLS, C. W. **The Sociological Imagination**. New York: Oxford University Press, 1959.
- MILLS, W. **The Power Elite**. Oxford: Oxford University Press, 1956.
- MONSMA, K. A nova sociologia histórica: contextos, trajetórias, eventos e complexidade na análise da mudança social. In: RIBEIRO, M. T. R. (Ed.). . **Dimensão Histórica da Sociologia: Dilemas e Complexidade**. Curitiba: Appris, 2016.
- MONSMA, K.; SALLA, F. A.; TEIXEIRA, A. A Sociologia Histórica: rumos e diálogos atuais. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, v. 6, n. 12, 2018.
- MOORE, B. J. **Social Origins of Dictatorship and Democracy: Lord and Peasant in the Making of the Modern World**. Boston: MA: Beacon Press, 1966.
- MOORE, W. H. Evaluating Theory in Political Science. **Department of Political**

Science, v. The Florid, 2001.

MORAVCSIK, A. Liberal International Relations Theory: A Scientific Assessment. In: ELMAN, C.; ELMAN, M. (Eds.). . **Progress in International Relations Theory: Appraising the Field Appraising the Field**. Cambridge: MIT Press, 2003.

NOGUEIRA, J. P.; MESSARI, N. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PARIS, R. Human Security: Paradigm Shift or Hot Air? **International Security**, v. 26, n. 2, p. 87–102, 2001.

PIERSON, P. **Not Just What, but When: Timing and Sequence in Political Processes** **Studies in American Political Development** Cambridge University Press, , 2000.

POPPER, K. **The Logic of Scientific Discovery**. Londres: [Ed. bras. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 2000.], 1959.

POPPER, K. **Conjectures and Refutations**. Londres: [s.n.].

POPPER, K. **Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge**. 5th. ed. London: Routledge, 1989.

RASLER, K. A.; THOMPSON, W. R. War Making and State Making : Governmental Expenditures , Tax Revenues , and Global Wars. v. 79, n. 2, p. 491–507, 1985.

RATHBUN, B. C. Uncertain about uncertainty: Understanding the multiple meanings of a crucial concept in international relations theory. **International Studies Quarterly**, v. 51, n. 3, p. 533–557, 2007.

RAY, J. L. A Lakatosian View of the Democratic Peace Research Program. In: ELMAN, C.; ELMAN, M. (Eds.). . **Progress in International Relations Theory: Appraising the Field Appraising the Field**. Cambridge: MIT Press, 2003.

RITZER, G. Sociological Metatheory: A Defense of a Subfield by a Delineation of Its Parameters. **Sociological Theory**, v. 6, n. 2, p. 187, 1988.

RITZER, G. Metatheorizing in sociology. **Sociological Forum**, v. 5, n. 1, p. 3–15, 1990.

RITZER, G. **Explorations in Social Theory: From Metatheorizing to Rationalization**. [s.l: s.n.]. v. 53

RITZER, G. Metatheory. In: RITZER, G. (Ed.). . **The Blackwell Encyclopedia of Sociology**. [s.l.] John Wiley & Sons, 2007.

ROSENBERG, J. Why is there no international historical sociology? **European Journal of International Relations**, v. 12, n. 3, p. 307–340, 2006.

- SCHWELLER, R. L. The Progressiveness of Neoclassical Realism. In: ELMAN, C.; ELMAN, M. (Eds.). . **Progress in International Relations Theory: Appraising the Field Appraising the Field**. Cambridge: MIT Press, 2003.
- SIL, R.; KATZENSTEIN, P. J. Analytic eclecticism in the study of world politics: Reconfiguring problems and mechanisms across research traditions. **Perspectives on Politics**, v. 8, n. 2, p. 411–431, jun. 2010.
- SILVEIRA, F. L. DA. A Filosofia da Ciência de Karl Popper: o Racionalismo Crítico. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, v. 13, n. 3, p. 197–218, 1996.
- SKOCPOL, T. **States and Social Revolutions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979a.
- SKOCPOL, T. **States and Social Revolutions: A Comparative Analysis of France, Russia, and China**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979b.
- SKOCPOL, T. **Vision and Method in Historical Sociology**. New York: Cambridge University Press, 1984.
- SKOCPOL, T. Bringing the State Back In: Strategies of Analysis In Current Research. In: EVANS, P.; RUESCHNEYER, D.; SKOCPOL, T. (Eds.). . **Bringing the State Back In**. New York: Cambridge University Press, 1985.
- SKOCPOL, T. A imaginação histórica da sociologia. **Estudos de Sociologia**, v. 16, p. 7–29, 2004.
- SMITH, S. Paradigm Dominance in International Relations: The Development of International Relations as a Social Science. **Millennium - Journal of International Studies**, v. 16, n. 2, p. 189–206, 1987.
- SØRENSEN, G. War and state-making: Why doesn't it work in the third world? **Security Dialogue**, v. 32, n. 3, p. 341–354, 2001.
- SPRUYT, H. Historical sociology and systems theory in international relations. **Review of International Political Economy**, v. 5, n. 2, p. 340–353, 1998.
- STEANS, J. et al. **An introduction to international relations theory: perspectives and themes**. 3.rd. ed. London: Pearson Education, 2010.
- TAYLOR, B. D.; BOTEÁ, R. Tilly-Tally: War Making and State Making in the Contemporary Third World. **International Studies Review**, v. 10, n. 1, p. 27–56, 2008.
- TESCHKE, B. IR theory, historical materialism, and the false promise of international historical sociology. **Spectrum: Journal of Global Studies**, v. 6, n. 1, p. 1–66, 2014.
- THIES, C. G. War , Rivalry and State Building in Latin America. **American Journal of Political Science**, v. 49, n. 3, p. 451–465, 2005.

TILLY, C. Reflections on the History of European State-Making. In: TILLY, C. (Ed.). . **The Formation of National States in Europe**. Princeton: Princeton University Press, 1975. p. 3–83.

TILLY, C. **Big Structures, Large Processes and Huge Comparisons**. New York: Russell Sage Foundation, 1984.

TILLY, C. War Making and State Making as Organized Crime. In: RUESCHNEYER, D.; SKOCPOL, T. (Eds.). . **Bringing the state back in**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 169–191.

TILLY, C. **Coercion, Capital, and European States, AD 990-1990**. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.

TILLY, C. **Coerção, Capital e Estados Europeus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

TILLY, C. Mechanisms in Political Processes. **Annual Review of Political Science**, n. 4, p. 21–41, 2001.

TILLY, C. Why History Matters? In: GOODIN, R. E.; TILLY, C. (Eds.). . **The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

VASQUEZ, J. A. The Realist Paradigm and Degenerative versus Progressive Research Programs: An Appraisal of Neotraditional Research on Waltz's Balancing Proposition. **The American Political Science Review**, v. 91, n. 4, p. 899–912, 1997.

WAEVER, O. The rise and fall of inter-paradigm debate. In: SMITH, S.; BOOTH, K.; ZALEWSKI, M. (Eds.). . **International Theory: Positivism and Beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

WAGNER, D. G.; BERGER, J. Do Sociological Theories Grow? **American Journal of Sociology**, v. 90, n. 4, p. 697–728, 1985.

WALLERSTEIN, I. **The Modern World-System, vol. I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century**. New York/London: Academic Press, 1974.

WALLERSTEIN, I. **The capitalist world-economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

WALLERSTEIN, I. **The Modern World-System, vol. II: Mercantilism and the Consolidation of the European World-Economy, 1600-1750**. New York: Academic Press, 1980.

WALLERSTEIN, I. **The Modern World-System, vol. III: The Second Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840's**. San Diego: Academic

Press, 1989.

WALT, S. M. International Relations: One World, Many Theories. **Foreign Policy**, n. 110, p. 29, 1998.

WALTZ, K. N. **Man, the State, and War: A Theoretical Analysis**. New York: Columbia University Press, 1959.

WALTZ, K. N. Evaluating Theories. **The American Political Science Review**, v. 91, n. 4, p. 913–917, 1997.

WALTZ, K. N. Thoughts about Assaying Theories. In: ELMAN, C.; ELMAN, M. F. (Eds.). . **Progress in international relations theory : appraising the field**. Cambridge: MIT Press, 2003.

WALTZ, K. W. **Theory of International Politics**. Reading: Addison-Wesley, 1979.

WIMMER, A. **Waves of War: Nationalism, State Formation, and Ethnic Exclusion in the Modern World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.